

O Apolo e a Ninfa

Dark Apollo

Sara Craven



Na Grécia, um encontro para não se esquecer jamais!

Nic Xandreou achava que a jovem inglesa Katie era uma interesseira que fizera seu irmão cair em uma armadilha de casamento.

Camilla Dryden, porém, sabia que sua irmã era uma boa moça e que amava Spiro Xandreou com sinceridade. Disposta a enfrentar Nic, um prepotente acostumado a fazer valer sua vontade, foi procurá-lo em sua mansão, no alto de uma colina da ilha de Karthos.

O que não esperava era ver-se envolvida no encanto meio bruto daquele homem, fiel às tradições gregas, tão diferente dos homens de seu próprio mundo.

Disponibilização: Projeto Revisoras

Revisão: Cassia





Querida leitora,

As ilhas gregas povoam minha imaginação desde quando eu era criança.

Sempre pensei que se o paraíso realmente existe, ele fica na Grécia.

E um país que eu a-do-ra-ria conhecer. Enquanto este dia não chega, vou me deliciando com histórias que têm como cenário a exuberante paisagem grega, o mar translúcido e os heróis mais do que maravilhosos...

Janice Florido / Editora

Copyright © 1994 by Sara Craven

Originalmente publicado em 1994 pela Mills & Boon Ltd., Londres, Inglaterra

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Mills & Boon Ltd.

Esta edição é publicada por acordo com a Mills & Boon Ltd.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Copyright para a língua portuguesa: 1995

Título original: Dark Apollo

Tradução: Celso Martins

CIRCULO DO LIVRO LTDA.

EDITORA NOVA CULTURAL

Uma divisão do Círculo do Livro Ltda.
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 9ª andar
CEP: 01410-901 - São Paulo – Brasil

Foto-composição: Círculo do Livro
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

— Mas ele me ama!

— Eu não contaria com isso — comentou Camilla Dryden.

A voz soou mais brusca do que ela pretendia. Arrependida, viu a irmã ficar completamente desorientada.

— Katie, meu amor — tomou com mais suavidade —, vocês mal se conhecem! Foi um caso passageiro, esqueça.

Ela mesma não acreditava no que estava dizendo. Frases feitas. Também não se surpreendia com a inconformação da irmã.

— Não concordo com você. Desde a primeira vez que vi Spiro, compreendi que para mim não haveria outro igual. Ele confessou que sentiu a mesma coisa a meu respeito.

Intimamente, Camilla duvidava.

— Então por que não veio naquele vôo? E em nenhum outro subsequente?

— Não sei. Deve ter acontecido alguma coisa que o impediu de vir, ou o atrasou.

Camilla não conseguiu evitar um cínico pensamento sobre o que poderia ter acontecido.

Provavelmente Spiro Xandreou lembrara-se a tempo de que tinha uma noiva, ou até mesmo que era casado.

Imprevidência dava naquilo, considerou, rememorando os atos. Não devia ter permitido que uma garota de dezoito anos, bonita e inexperiente, fosse passar os feriados da Páscoa na Grécia.

Fora um convite perfeitamente aceitável. Loma Stephens, a melhor amiga de Katie ia para Atenas, visitar a tia, casada com um próspero comerciante grego.

As duas garotas tinham dado um duro danado durante as últimas provas e mereciam uma folga.

Como Camilla poderia adivinhar que a tia de Loma era uma idiota irresponsável, capaz de permitir que as moças fossem envolvidas pela conversa de um garçom conquistador?

Se ao menos não passasse de simples conversa, ela pensou indignada, ou se Katie fosse experiente o bastante para não se deixar enganar, tudo seria diferente.

Na volta, Katie informara que, embora ainda pretendesse continuar os estudos e formar-se, isso não era muito importante.

O principal era que ia preparar-se para casar.

Camilla respirara fundo para acalmar-se e fizera alguns comentários ao acaso.

Entretanto, o que ficara sabendo mais tarde não era nada tranquilizador. Ao que parecia, Spiro trabalhava em um famoso restaurante onde Katie fora jantar com a família da amiga. Spiro servira à mesa deles e, na noite seguinte, Katie e Loma resolveram voltar lá, sozinhas.

— Naturalmente Spiro não é um garçom qualquer — Katie justificara com os olhos brilhantes. — A família dele é proprietária do restaurante e de muitos outros negócios como hotéis e até uma agência de navegação.

— Devem ser muito ricos, então.

— Pelo que Spiro me contou, são milionários. Não é inacreditável?

— Certamente — Camilla concordara, embora não conseguisse esconder a ironia.

— Quando terminarem minhas provas, Spiro virá conhecê-la e fazer o pedido de casamento. Ele é muito conservador.

Bem, ele escolhera o caminho certo para atingir o coração de Katie, deduzira Camilla. A irmãzinha era uma garota conservadora, tímida, que nunca se importara com outra coisa a não ser com os estudos, até conhecer aquele ateniense.

O primeiro amor deveria chegar mansamente, como um sonho, e não de forma brutal, em um lugar qualquer de Atenas, com o primeiro aventureiro que aparecesse.

Ela vai sofrer muito, Camilla pensara.

Porém, para sua surpresa, cartas e mais cartas com o selo da Grécia começaram a chegar.

Provavelmente Spiro Xandreou estava pensando que Katie também era de família rica, como o tio de Loma.

"Como está enganado", refletira Camilla, passeando o olhar pelo pequeno apartamento.

Quando ele descobrisse que a única parente de Katie era uma irmã mais velha, que trabalhava numa agência de empregos para poder manter as duas, o futuro noivado iria para o espaço.

Camilla nunca estivera na Grécia, mas tinha a vaga idéia de que lá as famílias ainda levavam em conta as conveniências. As propriedades e o dote da noiva eram coisas muito importantes na contratação de casamentos e Katie não tinha uma posição financeira que a recomendasse.

Por uns tempos, Katie também pareceu reconsiderar o namoro. Andava preocupada, quase não falava, e passava horas, fechada no quarto. Emagrecera e exibia fundas olheiras que não conseguia disfarçar.

Porém, um belo dia, uma nova carta chegara e Katie, com renovado entusiasmo, informara que Spiro chegaria ao fim do mês.

Entretanto, ele não viera no vôo indicado e Katie voltara para casa, sozinha e quase morta de tristeza.

No momento, Camilla tentava fazê-la cair na realidade.

— Se Spiro tivesse transferido a viagem, avisaria, Katie. Temos de aceitar o fato de que ele deve ter mudado de idéia, querida.

— Ele não pode fazer isso comigo. Vamos nos casar, ele tem que vir! — Katie gritou, aos prantos. — Ele não pode me abandonar agora.

Repentinamente, Camilla olhou para a irmã, horrorizada com o terrível pensamento que lhe ocorrera. A confirmação era quase evidente naquele rosto inundado de lágrimas, cuja expressão mostrava dignidade ofendida e vergonha.

— Oh, não, Katie! Por favor, isso não! — exclamou com voz entrecortada. — Você não está...

— Estou; minha irmã. Estou esperando um filho de Spiro, mas tudo dará certo. Ele me ama e disse que vamos nos casar.

— Você contou que está grávida? Então, já pode imaginar por que ele não veio naquele avião.

— Não devia falar assim — a irmã repreendeu defensiva. — Você não o conhece. Ele é um homem decente e honrado.

— Tão decente e honrado que aproveitou a primeira oportunidade para seduzir uma garota pura e inexperiente — replicou Camilla, baixando o olhar, amargurada.

— Ele é um homem de bem!

— Oh, Katie, sua tola, agora temos que tomar uma decisão.

— Sei o que está insinuando — a mocinha murmurou, empalidecendo. — Nem pense nisso. Vou ter o bebê.

— Querida, precisa manter a cabeça fria. Pense no seu curso na universidade. Tem toda a vida pela frente. Não pode imaginar o que vai ser estudar e ao mesmo tempo cuidar de um bebê.

— Não vou fazer o que você está sugerindo. Vou me casar com Spiro. Concorro com suas razões, mas a vida é minha e, está decidido.

— Katie, pense bem, você não sabe o que está fazendo!

— Mamãe sabia, quando conheceu papai — a irmã argumentou. — Era mais jovem do que eu e ninguém pode dizer que não foram felizes.

Katie tinha razão, nesse ponto. Seus pais tinham sido profundamente apaixonados um pelo outro, até que um acidente interrompera prematuramente aquele amor. Camilla, uma jovem de dezenove anos, ficara com a inteira responsabilidade de cuidar da irmã adolescente.

Que falta a mãe fazia naquele momento! Ela saberia como ajudar Katie naquela crise.

"Não sei o que fazer", Camilla pensou, sentindo-se completamente perdida.

No dia seguinte, após uma noite horrível, sentia-se mais perdida ainda. Katie conseguira telefonar para o restaurante, em Atenas. Do outro lado, muito educadamente, mas sem demonstrar

nenhum interesse, informaram que Spiro não trabalhava mais lá e nem sabiam de seu paradeiro.

"Duvido que não saibam. Provavelmente recebem dezenas de telefonemas como esse todos os dias", Camilla pensara indignada.

Durante toda a noite, de seu quarto, ouvira os soluços desconsolados de Katie. Tentara entrar, mas encontrara a porta trançada. E o que poderia dizer? Nunca ao menos pensara em apaixonar-se!

Nada sabia do amor. Considerava-se a última pessoa com capacidade para aconselhar a irmã.

Para sua surpresa, ao chegar à cozinha, encontrou Katie já acordada, tomando café. Apesar de abatida e com os olhos vermelhos, a jovem exibia no rosto uma firme determinação.

— Vou procurá-lo, Milla.

— Mas você não pode sair à procura dele por todos os restaurantes e bares de Atenas — Camilla argumentou, pegando o bule de café. — Seria como procurar uma agulha num palheiro.

Katie meneou a cabeça.

— Não vou procurar em Atenas — informou. — Spiro nasceu numa ilha chamada Karthos, no mar Jônio, ao sul de Corfu. E para lá que eu vou. Os parentes devem saber onde ele está.

Camilla tomou um bom gole do café forte.

— Katie, passou pela sua cabeça que talvez Spiro não queira ser encontrado?

— Isso não é verdade. Se fosse, eu sentiria aqui — a irmã respondeu, pondo a mão no peito, com ar de espantosa certeza.

A simplicidade daquele gesto emocionou Camilla. Havia um milhão de argumentos que poderia usar para impedir Katie de lançar-se numa louca e, provavelmente, infrutífera busca.

Porém, por alguma razão, não conseguiu pensar em nenhum.

— Então, irei com você — declarou, decidindo-se a colaborar.

Katie espantou-se e olhou-a, franzindo as sobrancelhas.

— O que está dizendo, Milla? E o seu emprego? Vai conseguir que a Sra. Strathmore lhe dê uma licença?

— Tenho umas folgas para tirar — Camilla informou com um sorriso tranqüilizador. — A Sra. Strathmore não vai negar e nem me despedir. Precisa de mim para cuidar de uns clientes chatos que os outros não querem atender.

Tentava conservar-se tranqüila, mas, lá dentro, o coração batia descompassado. O que fariam, se elas não achessem o namorado de Katie? E se o encontrassem e ele não quisesse assumir a paternidade?

— Vamos encontrá-lo — a irmã afirmou, como que adivinhando seus pensamentos. — É o destino. Os gregos sempre acreditaram no destino.

E nas Fúrias também, Camilla pensou; amedrontada. As defensoras do bem perseguiam inexoravelmente os pecadores, descarregando neles toda sorte de castigos.

Bem, então ela seria uma Fúria, caçando Spiro, mesmo que para isso tivesse de revirar o mundo inteiro.

— Esse negócio de destino não existe — ela comentou.

Entretanto, com a mão escondida sob a mesa, cruzou os dedos supersticiosamente.

O Dionysius era um pequeno hotel, simples e de estilo bem rústico. Camilla sentou-se a uma das mesas forradas com plástico na área da frente e pediu um suco de laranja. Abrigada do sol forte do meio-dia pela cobertura de sapé entrelaçada por uma trama de plantas trepadeiras, ela observou o ambiente.

Logo a sua frente, além do jardim cercado por uma sebe de hibiscos, ficava a praça principal da cidadezinha de Karthos.

A ilha era um pequeno ponto perdido na imensidão do mar Jônio, mas estava sempre repleta de turistas. Embora estivesse praticamente chegando, Camilla já ouvira os mais variados idiomas.

Falavam francês, alemão, holandês e também inglês por todos os lados. Os hotéis encontravam-se lotados e ela e Katie tiveram sorte de conseguir as duas últimas vagas disponíveis no Dionysius.

O quarto ficava no primeiro andar e era impecavelmente pintado de branco. Katie ficara dormindo. Começara a sentir os primeiros problemas da gravidez e passara mal durante o vôo até

Zakynthos e depois, na viagem de trem. O calor em Karthos estava em torno de quarenta graus.

Katie concordara prontamente em ficar descansando e deixar por conta de Camilla as primeiras diligências necessárias.

Camilla quase desistira daquela busca incerta depois que, relutantemente, telefonara para o tio grego de Loma Stephens. Embora sem entrar em detalhes, explicara o motivo de sua viagem. Disse que estava procurando por um jovem garçom que trabalhara no restaurante Clio e perguntou se ele podia ajudar.

A julgar pelo tom cínico da voz do outro lado, ela deduzira que seria perda de tempo dar mais explicações.

— Você sabe o nome desse garçom, thespinis. — perguntara o homem.

— Sei. É Spiro Xandreou — ela informara.

— Xandreou?

Mesmo a quilômetros de distância, ela percebera o homem respirar fundo antes de continuar:

— Sinto muito, thespinis, mas não posso fazer nada. Aconselho-a, sinceramente, a desistir desse assunto.

Em seguida, desligara, deixando Camilla mergulhada num turbilhão de dúvidas.

Inquieta, ela desejava apenas que Spiro não fosse algum bandido, um membro da máfia grega, se é que tal coisa existia.

Podia ser que ele nem se encontrasse em Karthos, afinal. Talvez estivesse preso em alguma cadeia longe dali.

Mas, como confessar a Katie suas suspeitas, sem aniquilar seu otimismo e a radiosa expectativa que a envolvia? Resignadamente, concluiu que seria melhor deixá-la descobrir sozinha.

Após um longo suspiro, Camilla terminou de tomar o suco gelado. Estava imaginando por onde devia começar, quando ouviu uma voz ao seu lado.

— Gostou?

Era Kostas, o corpulento proprietário do hotel, que começou a passar um pano na mesa. Tinha bigode espesso, sorriso largo e fumava quase sem parar. O caloroso tratamento que ele dispensava aos hóspedes parecia sincero. E, para alívio de Camilla, até que falava bem o inglês.

— Estava delicioso. Era exatamente o que eu estava precisando, obrigada.

— Sair nesse sol não é nada agradável — ele comentou, afastando-se.

— Kostas! — ela o chamou, fazendo-o parar. — Você conhece a família Xandreou, que tem um filho chamado Spiro?

Ele arregalou os olhos, apreensivo, e o sorriso generoso desapareceu instantaneamente.

— Por que está perguntando?

— Oh, nossas famílias costumavam se corresponder. Lembro-me vagamente de que eles eram daqui e gostaria de conhecê-los, só isso — ela mentiu.

— Xandreou... — O hoteleiro abanou a cabeça, pensativo. — Esse nome não me é familiar. Acho que você está enganada sobre o lugar, thespinis.

— Acho que não. Tem certeza de que nunca ouviu falar deles?

— Absoluta — ele afirmou e fez uma pequena pausa, antes de aconselhar: — Você está em férias, devia aproveitar bem o tempo. Vá à praia, divirta-se, tome um bom vinho, faça novas amizades, não perca tempo procurando essa gente.

Se aquele não era um aviso indireto, então ela não sabia o que mais poderia ser, Camilla pensou, olhando-o afastar-se rapidamente por entre as mesas.

Ouvira a mesma advertência disfarçada ao telefonar para Atenas, quando lhe disseram para ficar longe dos Xandreou.

Todos os conheciam, mas ninguém queria falar, ela deduziu, arrepiando-se. Entretanto, para o bem de Katie, teria que transpor aquela parede de silêncio.

Apanhando a bolsa, dirigiu-se para a escada externa, que era uma alternativa para se chegar aos quartos.

No balcão de recepção havia muitos panfletos de propaganda, inclusive de aluguel de carros e

motos. Talvez fosse uma boa idéia alugar uma moto pequena e dar uma volta pelos arredores.

Segundo as informações sobre a ilha, as melhores praias ficavam fora da cidade. Seria interessante encontrar uma, bem sossegada para descansar um pouco, antes de começar a trabalhar no real objetivo da viagem.

Mergulhada em pensamentos, subira alguns degraus quando ouviu alguém chamar.

— Thespinis.

Num relance, ela percebeu parado ao pé da escada, um dos garçons do hotel. Era o mesmo que servira à mesa ao lado, quando ela conversara com Kostas. Ele olhou-a com um sorriso insinuante.

— Está procurando por Spiro Xandreou?

— Você o conhece? — ela perguntou com excitação.

— Desde que éramos crianças — o garçom respondeu, tocando o peito com o punho cerrado.

— Também nasci em Karthos.

— Então me pode dizer onde posso encontrá-lo?

O jovem garçom deu de ombros, olhando furtivamente para os lados e para trás.

— Não é muito fácil. Entenda que eu...

Camilla entendeu perfeitamente, abriu a bolsa e tirou uma nota de mil dracmas.

Ele deu um leve assobio de assombro e contentamento.

— Spiro está em casa, na vila Apolo.

— Fica perto daqui?

Apontando para as colinas escarpadas do interior da ilha ele informou:

— Fica naquela direção. É um pouco longe.

— Há algum ônibus ou outro meio de transporte?

— Não. Não existe nada naquele lado, só a vila. Terá de ir de carro ou moto.

Tirando do bolso um cartão ele ofereceu-o, solícito.

— É do meu primo. Ele aluga moto bem baratinho.

"E sem dúvida, paga-lhe comissão", ela pensou e, após agradecer, continuou subindo.

— Thespinis — ele chamou em surdina e ficou calado por alguns momentos, antes de acrescentar: — Aconteça o que acontecer, não conte a ninguém que eu dei a informação, tá?

— Nem uma palavra — Camilla concordou, olhando-o desaparecer dentro do hotel.

Katie ainda estava fora de combate. Para não acordá-la, Camilla escreveu um bilhete avisando que ia sair. Rapidamente, trocou o vestido por um short branco e uma camiseta regata, com suas iniciais bordadas no lado esquerdo do peito. Para ficar mais a vontade, amarrou o cabelo num rabo-de-cavalo e calçou um confortável par, de tênis brancos, de lona.

Achar o local onde alugavam motos não foi difícil. O lugar não era dos mais limpos e algumas galinhas passeavam, ciscando entre os veículos. Andonis, o proprietário, vestia calção e camiseta e a barba era de três dias, no mínimo. Os olhos tinham um brilho estranho. Camilla arrependeu-se de não ter procurado um lugar mais recomendável.

A moto foi alugada sem a exigência de qualquer formalidade, mas ela teve de pagar um preço bem acima da tabela normal.

Quando pediu um capacete de segurança, Andonis olhou-a espantado, como se ela fosse de outro planeta, e deu uma cuspida no chão.

— As estradas de Karthos são muito boas — ele argumentou.

Porém, quando ela pediu um mapa da ilha, foi prontamente atendida. A Xerox que recebeu estava toda amassada e cheia de orelhas, mas era um mapa.

Camilla ficou olhando para a teia de riscos traçados no papel, imaginando onde estaria escondida a aranha.

— Estou procurando uma casa em particular, a vila Apolo. Pode marcar no mapa? — pediu.

— Procura por Xandreou? — ele perguntou. — Muitas mulheres o procuram, é um homem de sorte.

"Bem, a sorte dele está para mudar", ela pensou. O comentário e o sorriso irônico de Andonis apenas confirmavam suas suspeitas. O "honrado" amor de Katie não passava de um casa nova

declarado.

O grego deslizou o lápis no mapa e marcou um ponto.

— Vila Apolo — instruiu, olhando-a com jeito avaliador. — Devia ter falado antes. Poderia ter feito preço melhor para uma mulher de Xandreou.

"Provavelmente elas chegam aos magotes", Camilla pensou desconsolada.

Ao sair, esquivou-se de Andonis, que estava disposto a ajudá-la a subir na moto.

— Engana-se kyrie, não sou o que está pensando. Bem, agora não daria, mas quem sabe depois... — ele concluiu, sorrindo descaradamente.

— Até logo — Camilla despediu-se, ganhando a estrada.

"Uma mulher de Xandreou"; pensou com desprezo. A inocente Katie entregara-se a um mulherengo sem escrúpulos, "Ele não vai escapar. Vou obrigá-lo a pagar por isso, nem que seja a última coisa que eu faça."

"Aconteça o que acontecer", dissera o garçom. Recordando as palavras, achou que tinham soado como uma advertência. E, a despeito do intenso calor, de repente sentiu um inexplicável arrepio de frio percorrer-lhe o corpo.

CAPÍTULO II

Camilla parou a moto cuidadosamente no acostamento pedregoso e limpou o suor da testa.

A estrada estava se transformando cada vez mais numa trilha cheia de buracos e ainda não havia nem sinal da Vila Apolo. Teria Andonis deliberadamente dado uma indicação errada?

Espreguiçando-se, ela massageou a base da coluna para relaxar. Aquela devia ser a pior das motos disponíveis na locadora. As manoplas, desgastadas pelo uso, não obedeciam aos comandos e o breque praticamente não existia. Se ela tivesse que dar uma freada de emergência, tudo poderia acontecer.

E havia a grande probabilidade da máquina encrascar. Até ali, os únicos seres vivos pelos quais Camilla passara tinham sido um burrico, algumas cabras e um cachorro com uma coleira no pescoço e que latira para ela.

A estrada subia em aclive acentuado, orlada por plantações de oliveiras. As sombras das árvores projetavam-se no leito carroçável, oferecendo aos transeuntes refúgios contra o sol abrasador. Algumas das oliveiras, de troncos retorcidos deviam ser incrivelmente antigas, contudo ainda produziam. As redes estendidas no chão para apanhar os frutos caídos eram uma prova disso.

Camilla olhou para trás, como para certificar-se de que a civilização ainda existia. Lá embaixo, ao longe, os telhados multicoloridos e as paredes e muros brancos de Karthos refletiam o brilho dos raios do sol. Bem no centro, sobressaía à majestosa cúpula acinzentada de uma igreja e, mais além, via-se o mar, com suas variadas tonalidades de azul.

— Bem que eu poderia estar numa bela praia, agora — ela resmungou baixinho — em vez de me arriscar nesta geringonça, montanha acima.

Com um suspiro, ela se imaginou dando um gostoso mergulho nas águas refrescantes do mar, que limpariam sua pele molhada de suor.

Reunindo as energias, ligou novamente a moto e saiu; disposta a retomar, se não avistasse nada ao virar a próxima curva.

Preocupada com os buracos e pedras da estrada, escolhendo os melhores trechos, por um momento ela quase se esqueceu da Vila Apolo.

Porém, depois de fazer a curva, passados alguns metros; fez uma parada repentina. Admirada, observou as letras gravadas nos dois pilares de pedra que sustentavam um portão aberto. Logo abaixo das letras aparecia um emblema do sol, o símbolo do deus Apolo que, conforme a lenda cruzava o

céu em sua carruagem de fogo.

Ela desmontou depressa e encostou a moto no barranco rochoso. Ninguém pensaria em roubar um veículo tão velho, refletiu, andando até o portão. Olhou para dentro e viu mais oliveiras sombreando a alameda de acesso, que subia de modo íngreme.

"Em frente", ordenou-se, levantando o queixo numa atitude de desafio. "Vamos conhecer esse irresistível Adônis que desgraça a vida de tantas moças". Com as mãos nos bolsos, simulando descontração para disfarçar o nervosismo, começou a subir com passos rápidos, mas cuidadosos.

Saber que estava ali para reclamar seus direitos de alguma forma a acalmava.

Todavia, quando um homem apareceu a sua frente, surgindo do nada, ela teve de controlar-se para não dar um grito de medo.

Uma rápida olhada foi suficiente para saber que aquele não era o homem que procurava.

Atarracado, grisalho, trazia um walkie-talkie na mão e um revólver na cintura. Tinha cara de poucos amigos e perguntou agressivamente alguma coisa em grego.

Camilla ficou pregada no lugar.

— Não entendo — ela explicou. — Meu nome é Camilla Dryden e vim da Inglaterra para falar com o Sr. Xandreou.

O homem olhou-a por um momento e depois falou no rádio. Ao ouvir a resposta, fez um sinal de cabeça para que ela o acompanhasse.

Logo adiante, viraram à direita, saindo num belo jardim com um extenso gramado cortado por canteiros de flores das mais variadas cores e qualidades.

Além do jardim, a própria Vila Apolo surgia imponente com a brancura das paredes realçada pelo fulgor do sol. A casa era rodeada por um terraço sustentado por colunas, debruado com festões de trepadeiras da espécie "primavera", com flores em tons de vermelho, branco e cor-de-rosa.

Camilla diminuiu o passo, deslumbrada.

O que teria um simples garçom de Atenas a ver com tudo aquilo? A menos que Xandreou fosse apenas um empregado e ela estivesse sendo encaminhada para a entrada de serviço.

O segurança olhou para trás e gesticulou impaciente, apressando-a. Andando mais um pouco, ela viu o brilho azul-turquesa de uma ampla piscina com acabamento de azulejos decorados em toda a volta. Não faltavam cadeiras espreguiçadeiras, e mesas protegidas por guarda-sóis. Uma das mesas estava abastecida com drinques arrumados numa bandeja. Na beira da piscina, o rádio que fazia par com o do segurança corria o risco de cair na água.

Se não fosse por isso, o lugar pareceria deserto.

Enquanto ela olhava ao redor, admirada, um homem surgiu na superfície da água. Camilla sentiu o coração quase parar, batendo descompassado. Apoiando-se na borda da piscina, ele saltou atleticamente para fora e ficou em pé, agitando o cabelo negro e abundante para tirar o excesso de água.

Era de estatura mediana e tinha o corpo perfeitamente bronzado. Os ombros largos e a cintura fina; formavam com a musculatura desenvolvida, um conjunto impecavelmente proporcional.

Também tinha um rosto bonito, ela reconheceu fascinada. Um homem capaz de virar a cabeça de qualquer mulher.

"Belo como um deus grego". Ela ouvira a frase centenas de vezes, mas nunca imaginara como seria estar frente a frente com um desses privilegiados, especialmente daquela maneira. Como a maioria das estátuas dos heróis olímpicos, ele estava completamente nu.

Movendo-se com a leveza de um felino, foi até a espreguiçadeira, pegou a toalha e começou a se enxugar. Ignorou completamente a presença de Camilla.

Ela sabia que exhibir-se assim na frente de uma mulher, uma completa estranha, era um insulto deliberado. Porém, se ele esperava que ela sáísse correndo como uma ninfa mitológica; devia ficar no mínimo; desapontado.

Em silêncio, ela ficou imóvel, recusando-se a deixar que a afronta a atingisse.

Preguiçosamente, ele amarrou a toalha na cintura, pegou o relógio que estava sobre a mesa e colocou-o no pulso. Só então, dignou-se a lançar um olhar desinteressado na direção de Camilla,

revelando olhos negros, penetrantes e estranhamente brilhantes.

— Quem é você? O que está fazendo aqui? — ele perguntou.

O tom da voz era baixo e pausado, quase sem sotaque. Katie tivera razão ao dizer que o inglês dele era excelente.

Lembrando-se da irmã, Camilla refletiu que não era de admirar que a jovem tivesse caído por Spiro. Mas o que levaria um habitante de um mundo sofisticado como aquele a interessar-se por Katie? Algo não fazia sentido, a menos que aquele não fosse o homem que ela procurava.

— E então? — ele insistiu impaciente. — Você forçou sua entrada em minha casa. Por que não fala?

— Quero falar sobre a namorada de Xandreou — ela conseguiu explicar, controlando-se para parecer natural.

Distraidamente, ele encheu um copo com água mineral e bebeu. O segurança desapareceu discretamente.

— Não acha que está sendo muito pretensiosa, Srta...?

— Dryden — ela completou — Não diga que esqueceu o nome.

— É vagamente familiar — ele respondeu, dando de ombros e parecendo aborrecido.

Os olhos brilhantes examinaram-na de alto a baixo, demorando-se nos seios e nas pernas longas e bem torneadas. Sem jeito, ela percebeu que o suor provocado pelo calor intenso colara a roupa em seu corpo, como uma segunda pele.

Por fim, seus olhares encontraram-se.

— Então, o que deseja Srta... Dryden? Pretende ficar a tarde toda me olhando em silêncio?

— Desculpe.

"Por que estou me desculpando?", ela se perguntou, irritada consigo mesma.

— Não é exatamente o que eu esperava Sr. Xandreou.

— Você também não é como eu imaginava, mas isso não tem importância. Diga o que quer e vá embora.

Todas as conjecturas de Camilla estavam se confirmando. Ele não se importava nem com Katie, nem com o bebê. A única coisa que o atraía fora a inocência da irmã. Agora que não havia mais inocência, ele não queria saber de nada. Katie era simplesmente uma carta fora do baralho.

— Você sabe por que estou aqui — ela afirmou ríspida. — Acho que deve pensar em algum tipo de reparação.

— Reparação pelo quê? Um passatempo? Momentos de prazer, que tantas mulheres do seu país vêm procurar na Grécia?

Camilla sentiu uma onda de raiva ao ouvir o tom de descaso da voz máscula.

Só porque algumas garotas se comportavam como idiotas a procura de sexo, não queria dizer que Katie fazia a mesma coisa. Ele devia ter percebido que ela era diferente.

— Infelizmente, esse passatempo em particular teve conseqüências. Ou você esqueceu que há um bebê a caminho?

— Não há nada de errado com minha memória — ele declarou. — Acontece que não sou obrigado a acreditar na sua palavra. Uma criança com o sangue dos Xandreou pode reclamar seus direitos à fortuna da família. E nisso que está pensando?

Ele fez uma pausa e meneou a cabeça.

— Não sou nenhum tolo, Srta. Dryden. A ciência médica desenvolveu ótimos testes de paternidade. E você? Tem recursos para lutar contra mim?

O olhar insolente irritou-na outra vez.

— Não, nem sonhar com isso eu posso. Obviamente, senso de responsabilidade é algo que significa muito pouco para você, certo?

— Errado — ele contestou. — Significa muito e, por isso mesmo, não posso me submeter às pressões de qualquer garota desmiolada que aparece, querendo tirar proveito de uma situação.

— Tirar proveito? Mas...

— Talvez não saiba que na Grécia o nome Catherine, de onde derivou Katie, significa pureza.

É algo para se pensar, não é?

Camilla cerrou os punhos, trêmula de raiva.

— Já deixou bem claro o que pensa sobre o assunto, Sr. Xandreou. Eu esperava que tivesse um pingo de decência, pelo menos, mas obviamente estava enganada. Pode ficar tranquilo que não será mais incomodado.

Parou de falar por um instante, abrangendo com um gesto tudo o que havia em volta.

— O bebê não precisa de todo esse luxo para vir ao mundo — declarou. — O importante é que será bem-vindo e cuidado com amor. Não foi pelo dinheiro que o procurei, mas por outra coisa muito mais fundamental. Algo que você não entenderia.

Ela fez nova pausa, esforçando-se para controlar a voz.

— Não se preocupe — prosseguiu. — Apesar de o bebê ser um filho bastardo, nunca saberá quem é o crápula que tem por pai. Apenas me pergunto quantas vidas mais serão arruinadas até que você tenha o castigo que merece.

— Tem a petulância de falar em vidas arruinadas. O que sabe disso? Como ousa me falar assim? — ele a desafiou.

— É muito fácil, Sr. Xandreou. Eu apenas falei a verdade — respondeu Camilla.

Girou nos calcanhares e foi embora, pisando firme, controlando a raiva e procurando deter as lágrimas que ameaçavam cair.

A coisa mais odiosa que ele fizera fora referir-se a Katie com escárnio e desprezo.

Certamente percebera que a garota era virgem e, mesmo assim, não hesitara em abusar dela, provavelmente usando o carisma que possuía em abundância para dominá-la.

"Meu Deus, eu mesma me deixei impressionar", Camilla pensou; num misto de vergonha e raiva. "E fiquei sozinha com ele apenas alguns minutos. Se o tivesse conhecido em circunstâncias diferentes, se ele tivesse sido um pouco sedutor ou mesmo educado..."

Instantaneamente, mudou a linha de pensamento. Era óbvio que Spiro Xandreou considerava-se uma espécie de semideus, para quem todas as mulheres eram vítimas em potencial.

O que ele estivera realmente fazendo naquele restaurante? Participando de algum tipo de aposta ou outro tipo de jogo sujo?

Nesse caso, por que continuara iludindo Katie, depois que ela voltara para a Inglaterra, prometendo que iriam casar? Todas aquelas cartas, todas aquelas mentiras!

Imperdoável, ela pensou, apurando a moto para dar partida. Naquele momento, só desejava afastar-se dali o mais rápido possível, ir para bem longe da Vila Apolo e seu proprietário. E ainda teria que encontrar uma maneira de falar com Katie sem magoá-la. Suspirando, saiu com o veículo.

Um carro esporte conversível vindo em sentido contrário, repentinamente apareceu na curva em alta velocidade, na contramão. Camilla mal teve tempo de perceber o rosto assustado de uma garota ao volante. Era um belo rosto, porém, transfigurado pelo horror. Num ato reflexo, ela tentou desviar para o acostamento, mas a moto derrapou fazendo-a perder o equilíbrio.

Por um momento Camilla ficou estendida no chão, sentindo-se mal e aturdida pela queda, enquanto ouvia passos correndo em sua direção.

Logo, a garota curvou-se sobre ela, apavorada.

— Oh, você está ferida! Quebrou alguma coisa?

Camilla achou que poderia ter mesmo quebrado algum osso, a julgar pelas dores. Entretanto, levantou-se sozinha. Na verdade não havia nenhuma fratura, apenas escoriações na perna e no braço, de onde vertia sangue.

— Não esperava que houvesse mais alguém nesta estrada — a garota justificou, torcendo as mãos, aflita.

— Daí eu apareci — Camilla comentou com dificuldade, sentindo a garganta seca.

— Você precisa de um médico. Venha comigo, por favor.

Amparando-a pelo braço que nada sofrerá, a garota tentava conduzi-la para o carro.

— Está tudo bem — Camilla argumentou com a fala um pouco enrolada. — Não foi nada grave. Tudo começou a girar à sua volta, de repente. Ela ainda olhou para a garota antes de mergulhar

num mundo de escuridão.

Uma tempestade devia estar se formando. Camilla sentiu os primeiros pingos de chuva no rosto e ouviu o troar de um trovão ao longe. Estava flutuando, como que amparada por nuvens.

Mantendo os olhos semicerrados para evitar os pingos, ela viu a face preocupada de uma senhora desconhecida. Então, descobriu que não estava chovendo. Apenas borrifavam seu rosto com água gelada.

“Estou ferida”, lembrou-se, olhando ao redor, assustada. Encontrava-se numa grande sala, deitada num luxuoso sofá dourado.

E o som do trovão era a voz de Spiro, discutindo furiosamente com a garota do carro.

Camilla tomou consciência, horrorizada, de que a tinham levado de volta para a casa dele.

Não podia ficar ali!

Ao tentar sentar-se, foi vigorosamente impedida pela mulher que a atendia.

Spiro Xandreou aproximou-se a passos largos, olhando-a com ar furioso. Trocara a toalha por um short branco, não menos indecente.

— Quem estava dirigindo o carro era minha irmã, Arianna. Ela me contou o que aconteceu — informou em tom áspero.

— Precisa ficar aqui até que o médico venha examiná-la.

— Não vou fazer nada disso — protestou Camilla.

Sentiu uma ligeira tontura ao colocar os pés no chão, mas mesmo assim examinou melhor tudo o que havia ao redor. Uma das paredes da sala era totalmente de vidro com partes entreabertas, por onde entrava agradável aroma de flores e odor cítrico.

O chão era de mármore creme com nervuras azuis e douradas. O mesmo azul coloria as paredes, que tinham como decoração apenas alguns quadros surrealistas, certamente originais e de grande valor.

Ironicamente, a única coisa sobre a qual Spiro Xandreou não mentira fora sua riqueza.

Camilla estava no meio do luxo. O sofá onde se encontrava fazia par com outro, colocado em frente a uma ampla lareira com acabamento de mármore e que, por ser verão, era mantida fechada por uma placa de bronze.

O ambiente era espaçoso e arejado, embora a decoração não fosse de bom gosto.

— Não há necessidade de tanto alvoroço — ela declarou, olhando para Spiro. — Não quero nada de você, Sr. Xandreou. Pensei que tivesse deixado isso claro.

— Infelizmente não temos escolha. Você não vai sair daqui sem atendimento médico, thespinis.

— Do que tem medo? Que eu processe a jovem? Não farei isso. Sofri apenas alguns arranhões — ela argumentou, tentando sorrir para a garota, que a olhava com ar preocupado, atrás dele.

— Não se pode saber, sem a avaliação do médico. Nas atuais circunstâncias, não podemos correr riscos — ele alegou carrancudo.

Em seguida, deu instruções para a idosa, obviamente uma empregada, que saiu da sala, andando depressa.

— Arianna me disse que você estava dirigindo uma moto — ele continuou. — É louca?

— Só de vez em quando. Agora, ouça. Chame um táxi que eu volto para o hotel. Minha irmã vai ficar preocupada e não quero causar-lhe aborrecimentos desnecessários — ela acrescentou sutilmente.

— Ela sabia que você ia sair de moto e permitiu? Inacreditável! Deve ser louca também! — Spiro Xandreou exclamou, levantando os punhos cerrados para o alto.

— Não, ela nem sabe que saí do hotel. A idéia foi minha e, obviamente, nada boa.

— Pelo menos nisso estamos de acordo — ele comentou.

A empregada de vestido preto e avental branco, retornou, trazendo uma bacia de água, um vidro de anti-séptico e algodão.

Camilla olhou desconfiada para as coisas que ela carregava.

— Não há necessidade...

— É melhor prevenir — Spiro sugeriu com firmeza. — Não estamos na Inglaterra, kyria

Dryden. Em nosso clima, ferimentos como esses podem infeccionar e precisam de atendimento rápido.

Ele ajoelhou-se junto ao sofá, embebendo um chumaço de algodão no líquido anti-séptico.

A proximidade dele a fez retrair-se. Para seu alívio, porém, Spiro concentrou-se totalmente no curativo. O cheiro do corpo másculo e dourado pelo sol atingiu-a como uma espécie de choque.

Quando ele, sem querer, roçou o ombro musculoso de leve em seu joelho, ela foi invadida por uma onda de calor deliciosamente perturbadora.

— Não, por favor — ela reclamou.

Spiro olhou-a com desdém e continuou o curativo. Ela comprimiu os lábios, com o corpo instintivamente retesado.

— Para quem dizia que era um simples arranhão, você não está sendo muito corajosa, thespinis.

— Talvez devesse esperar o médico — ela sugeriu por entre os dentes.

— Não vejo necessidade do juramento de Hipócrates para um simples curativo — ele retrucou.

— Fique sabendo que também não estou gostando nada desta situação, mas o que não tem remédio, remediado está.

Ele era hábil e até cuidadoso, mas ao final ela estava com lágrimas nos olhos, causada pelo ardor que o medicamento provocara.

O pior de tudo, porém, era o contato das mãos morenas. Em outras circunstâncias ela não aceitaria aquele tipo de intimidade, algo realmente perigoso.

— A roupa também foi danificada — ele comentou.

Colocou dois dedos no rasgo da frente da camisa que ela usava e puxou para baixo, abrindo o tecido até a bainha.

Camilla protestou, juntando imediatamente as duas partes separadas.

Por um instante, ela sentiu no seio o toque leve dos dedos dele.

— Como ousa...? — reclamou em tom de voz inseguro.

— Quanto recato! — ele zombou. — Suas amigas turistas mostram muito mais do que isso em nossas praias, todos os dias.

— Mas eu não! — ela replicou asperamente.

A empregada aproximou-se e mandou-o sair do caminho, explicando que ia verificar se havia costelas machucadas. Dando de ombros, ele afastou-se e permaneceu de costas, perto da janela.

— Arianna! — chamou a irmã, falando por cima do ombro. — Providencie uma de suas blusas para kyria Dryden.

— Claro, com prazer. Podemos subir e escolher. Petros poderá examiná-la em meu quarto, quando chegar.

Spiro franziu as sobrancelhas, agastado.

— Será necessário levá-la para o quarto?

— Claro! — a irmã confirmou, scandalizada. — Um exame desse tipo precisa de privacidade.

— Então, não a deixe sozinha, entendeu?

— O que está insinuando? — Camilla perguntou.

— Quero me assegurar de que você não vai usar este incidente para tirar vantagem.

— O que acha que vou fazer? Roubar alguma coisa? Como é presunçoso! — ela atacou com repugnância.

— Penso a mesma coisa de você, thespinis. Não vou permitir que faça nenhuma armação nesta casa.

Ela estava pronta para dizer tudo o que pensava dele quando um homem jovem, moreno e troncuado, usando óculos, entrou na sala.

— Vejo que temos uma paciente — ele observou. — Um acidente na estrada, não foi? Obrigado por ter tomado as primeiras providências, Eleni.

A empregada assentiu e afastou-se. O recém-chegado examinou os ferimentos de Camilla criteriosamente.

— Teve sorte, thespinis. Tenho visto acidentes como esse em que é necessário fazer enxerto na

parte atingida. Felizmente, no seu caso, vai sair desta sem uma cicatriz. Depois de uma injeção para prevenir infecção, ficará nova em folha.

Spiro chamou o médico de lado e cochichou-lhe algo ao ouvido.

Ele arregalou os olhos, espantado.

— Então, preciso fazer um exame mais completo. Eleni será minha assistente.

— Tudo isso é ridículo! — Camilla protestou. — Estou bem.

O médico sorriu.

— Tenho certeza que sim. Você me parece uma jovem senhora perfeitamente saudável, mas sua gravidez está no começo. Precisamos nos certificar de que está tudo bem.

Camilla olhou-o, estupidificada.

— Gravidez? Do que estão falando? Não estou grávida!

— Então, estava mentindo — Spiro Xandreou interveio com ar vitorioso. — Bem que desconfiei!

Foi até a porta e abriu-a com raiva.

— Você vai deixar esta casa, thespinis, e não voltará mais, ouviu? — ordenou em tom de ameaça. — E também não vai mais me perturbar e a ninguém da minha família. Quero dizer, se tiver juízo. Agora, pode ir.

CAPÍTULO III

Camilla encarou Spiro fixamente.

— Deve estar louco, kyrios Xandreou. Ou então sua presunção atingiu tal ponto que você não consegue mais perceber a diferença entre uma mulher e outra.

— Como ousa me falar assim? — ele replicou.

Ela sustentou-lhe o olhar. "Olhos negros como absinto"; pensou. "Têm um estranho brilho, são iluminados por uma chama ardente."

— Ouso, porque não foi a mim que você seduziu e abandonou em Atenas. Foi minha irmã mais nova, Katie.

Um soluço subiu-lhe à garganta, mas ela continuou:

— E nem ao mesmo se lembra de como ela é, seu crápula!

Por um momento fez-se um profundo silêncio, quase tangível. Foi quebrado pelo médico, que pigarreou discretamente.

— Deve estar havendo algum equívoco aqui, meu caro Nic. Agora, se me permite, vou atender outros pacientes.

Quando ele se virou para sair, Camilla segurou-o pelo braço.

— Um momento, por favor. Você chamou esse homem de Nic?

— Chamei, sim, por quê?

Ela tomou fôlego.

— Quer dizer que ele não é Spiro?

O médico fitou-a, confuso.

— Spiro é o mais jovem dos irmãos Xandreou. Ele também sofreu um acidente há algum tempo atrás, só que foi mais sério do que o seu. Agora tenho que ir. Procure-me amanhã cedo, na clínica.

— Não vou precisar, obrigada.

— Devo examiná-la e prescrever-lhe um medicamento, apenas como precaução — explicou o médico. — Em nosso clima, uma infecção pode progredir rapidamente.

Despediu-se com um gesto de cabeça e saiu acompanhado de Arianna.

Camilla viu-se sozinha com Nic Xandreou.

— Você pensou que eu fosse Katie — comentou, passando a língua pelos lábios ressequidos por causa da tensão. — E eu pensei que você fosse Spiro. Estivemos enganados desde o começo.

— É, parece que sim.

— Mas Katie tem só dezoito anos — ela protestou. — Devia ter percebido que sou mais velha.

— Imaginei que Spiro tivesse sido enganado. Vi a letra "C" bordada em sua blusa, e presumi que fosse a inicial de "Catherine".

— Meu nome é Camilla — ela informou; mais calma, baixando o olhar. — Sinto muito pelas coisas horríveis que disse de você, mas e que estava transtornada por causa de Katie.

— Você é leal com sua família — ele elogiou. — Não a censuro por isso. É uma virtude que admiro.

— Spiro ficou muito ferido no acidente?

— Uma perna quebrada e uma batida na cabeça. Nada que o tempo e algum repouso não possam curar.

— Ainda bem. Poderia ter sido pior — ela comentou, tentando sorrir. — Foi por isso que ele não apareceu no aeroporto. Mas podia ter avisado. Katie ficará radiante, quando souber da verdade.

Ela fez uma pausa, mas Nic não disse nada.

— Vou direto para o hotel levar a notícia — ela prosseguiu.

— Não assim, sem antes trocar de roupa.

Foi quando ela percebeu que ele estava olhando para a blusa rasgada e tratou de segurar com firmeza as partes separadas.

— Bem, talvez não — concordou ruborizada.

— Vou mostrar-lhe o quarto de minha irmã. Venha.

Camilla deu um passo para segui-lo, mas vacilou, com as pernas trêmulas.

— E agora, o que foi? — ele perguntou impaciente, virando-se para ela.

— Apenas uma reação passageira, eu creio — explicou Camilla, tentando forçar um sorriso.

Nic resmungou qualquer coisa ininteligível e aproximou-se. Antes que ela pudesse perceber o que estava acontecendo, ele ergueu-a nos braços e saiu andando.

— Que diabo está fazendo? — Camilla estrilou.

Tentou desvencilhar-se, mas foi como lutar contra uma parede de concreto, com a diferença de que nenhuma parede teria o calor e sensualidade daquela.

— Ponha-me no chão! — ordenou ofegante.

— Fique quieta — ele rebateu.

Forte como era; Nic atravessou toda a sala e subiu a escadaria sem fazer nem uma única parada.

Chegando ao andar de cima, empurrou uma porta com o ombro e entrou. Era um quarto amplo e arejado, com móveis de madeira clara. Arianna não estava lá e Nic Xandreou estalou a língua inconformado, antes de sentar Camilla na borda de uma cama grande e macia.

Depois, abriu a porta de um armário, pegou uma blusa de seda branca e atirou-a para ela.

— Vista — ordenou.

— Acho melhor ficar como estou — ela argumentou.

A blusa era obviamente muito cara, o que a deixava constrangida. Além disso, ela pensou na dificuldade que teria para trocar-se, estando com braço machucado e o ombro dolorido.

Havia alguns alfinetes em sua bolsa. Daria um jeito na blusa rasgada e ficaria com ela até chegar ao hotel. Katie a ajudaria a tomar banho e trocar de roupas.

Nic Xandreou franziu a testa, parecendo preocupado.

— Está sentindo dor?

— Não muita.

Ele estendeu os braços para frente.

— Pode fazer isto?

— Acho que sim — Camilla levantou os braços, imitando-o.

Ele inclinou-se e com um movimento rápido arrancou-lhe a blusa pela cabeça, deixando-a nua da cintura para cima.

— Oh! — ela exclamou surpresa. Agarrou a blusa de Arianna e usou-a para proteger os seios à mostra, sentindo uma onda de calor invadir-lhe o rosto. — Como... Como se atreve?

— Não é uma questão de atrevimento. Você precisa de ajuda e não há mais ninguém aqui.

— Mas isso não lhe dá o direito de...

Ele olhou-a com um pequeno sorriso convencido.

— Na minha casa, kyria Camilla, sou eu quem estabelece os direitos. Agora, vou esperá-la na sala.

Ao chegar à porta ele parou e olhou para trás.

— Fico feliz em saber que o acidente não vai deixar nenhuma marca. Você tem um corpo muito bonito.

Em seguida, saiu do quarto, deixando Camilla boquiaberta, completamente chocada.

Passaram-se uns bons segundos, até ela recuperar-se. Nunca fora tratada assim antes, nunca estivera tão vulnerável e consciente de sua fragilidade feminina.

Nic Xandreou não era apenas um homem poderosamente atraente, concluiu. Era o mais perigoso de todos os que, conhecera. Com o que acabara de fazer, provavelmente estava considerando-se vingado das palavras duras que ouvira. Daquele momento em diante, teria de ser mais cuidadosa ao lidar com ele.

Por fim, resignada, vestiu a blusa de seda e abotoou-a desajeitadamente, sentindo muita dor no braço.

O quarto tinha banheiro privativo. Ela foi olhar-se no espelho e percebeu que estava com o rosto sujo e o cabelo despenteado. Ficou com vontade de chorar, diante da própria imagem.

Mas seria uma prova de fraqueza, refletiu, lavando-se rapidamente. Escovou o cabelo, que pensou em deixar solto, para melhorar a aparência. Também seria mais relaxante.

Entretanto, reconsiderou a idéia. Não estava ali para relaxar e nem para impressionar ninguém, particularmente alguém como Nic Xandreou. Pensando assim, penteou o cabelo todo para trás, prendendo-o outra vez com a fivela.

Ao sair, parou no corredor e olhou ao redor. Havia outras portas em ambos os lados, todas inamistosamente fechadas. Nas paredes, nichos embutidos guardavam cerâmicas raras e outros objetos preciosos.

Um deles chamou-lhe a atenção e ela aproximou-se para ver melhor. Era uma estátua de bronze com cerca de noventa centímetros altura. Representava um homem jovem, belíssimo, de feições tão orgulhosas quanto às de uma águia.

O deus Apolo, ela conjecturou, ou mesmo o dono da casa. Quem poderia dizer a diferença? De qualquer maneira, era uma peça impressionante.

Na verdade, toda a vila era magnífica, e isso talvez fosse um problema. O lugar parecia mais uma vitrina do que um verdadeiro lar. A casa era luxuosa e confortável, mas estranhamente fria e vazia.

O barulho da maçaneta de uma porta se abrindo chamou-lhe a atenção. Arianna e o médico saíram de um dos quartos conversando compenetradamente e, sem olharem para trás, desceram a escada e não a viram.

Aquele deve ser o quarto de Spiro, imaginou Camilla, tendo uma idéia súbita. Foi até a porta e bateu.

— Peraste — uma voz respondeu do outro lado.

Ela sabia que essa palavra significava "entre" em grego. Entrou e viu um homem, que era uma versão mais jovem de Nic Xandreou, deitado num divã perto de ampla janela. De olhos fechado, muito pálido e com a perna engessada apoiada por uma almofada, parecia desamparado.

— Spiro? — ela chamou, quase sussurrando.

Ele abriu os olhos, confuso. Olhos negros como absinto.

— Pya is.tel

— Sou Camilla, irmã de Katie — ela respondeu sorrindo. — Chegamos hoje a Karthos, para vê-lo.

Ele ficou olhando para ela, mostrando-se confuso.

— Then sas katalaveno — balbuciou, antes de traduzir: — Não compreendo. O que você quer?

— Vim com Katie. Ela deve ter falado de mim.

Ele meneou a cabeça, inquieto.

— Não há conheço; não conheço nenhuma Katie.

O coração de Camilla disparou.

— Claro que conhece. Você a conheceu em Atenas, na Páscoa, e ficou de ir vê-la em Londres.

— O que está dizendo? Quem é você?

Camilla hesitou, sem saber o que dizer. De repente, a porta abriu-se, e Nic Xandreou apareceu.

— Isso é intolerável, Srta. Dryden! Meu irmão precisa de repouso. Como se atreve a incomodá-lo?

Obrigou-a a sair do quarto, segurando-a pelo braço.

Ela ainda tentou livrar-se, mas foi praticamente arrastada escada abaixo.

— Sinto muito se violei alguma regra — desculpou-se — mas vim até aqui para ver Spiro.

— Na minha casa, ninguém vê ninguém sem minha permissão.

— Se eu tivesse pedido; você teria deixado?

— Não. Espero que sua intromissão não tenha causado nenhum dano ao meu irmão.

— Recuso-me a acreditar que umas poucas palavras possam afetar uma perna quebrada — ela explodiu. — Sei que está preocupado com ele, mas também tenho que pensar em minha irmã. Achei que Spiro gostaria de ter notícias dela.

— Ele gostou? — Nic perguntou com ironia.

— Bem... Não, quer dizer, pareceu confuso.

Escoltada por ele para fora da casa, Camilla lamentou não ter podido despedir-se de Arianna ou mesmo perguntar ao médico sobre as reais condições de Spiro.

A força, Nic ajudou-a a sentar-se no banco do jipe que aguardava na frente da casa. A bolsa dela já estava no assento, anulando qualquer desculpa para voltar. Ele pensara em tudo.

— Não vou deixar que o restabelecimento de Spiro seja prejudicado por um aborrecimento — Nic declarou, colocando o carro em movimento.

Camilla suspirou inconformada.

— Sinceramente, não pretendi fazer isso. Apenas queria vê-lo.

— Bem, agora que já o fez, esqueça tudo.

"Isso não vai ficar assim", ela pensou. "E só o começo".

Quando o jipe passou pelo local do acidente, Camilla impressionou-se ao ver as marcas profundas na beira da estrada.

— O que vou fazer com a moto? — murmurou.

— Nada. Examinei-a e descobri que não estava era condições ideais de manutenção para enfrentar uma estrada. Onde a alugou?

— De uma pessoa chamada Andonis.

— Ah, sim, o Dionysius, claro — comentou Nic, exasperado. — Eu devia ter adivinhado. Pretende ficar em Karthos?

— Naturalmente. Katie vai querer ficar o tempo todo ao lado de Spiro. Enquanto isso; vou aproveitar as férias.

— Lamento, mas não vai ser possível.

— Por quê? Karthos só aceita excêntricos?

— Seria melhor você e sua irmã voltarem para a Inglaterra.

— Você quer dizer, enquanto Spiro se recupera? Mas ele não está assim tão mal e Katie vai querer ajudá-lo.

— A ajuda está dispensada.

— Isso não é você quem vai decidir. Ou esqueceu que os dois pretendem se casar?

— Eu não autorizei nenhum casamento — Nic replicou duramente. — Nem vou autorizar. Você é que tem memória curta. Resolvemos o problema da identidade, mas isso não mudou nada, acredite-

me.

— O que está querendo dizer?

— Pensei ter deixado claro. Não aceito que sua irmã e a criança que vai nascer façam parte da nossa família. Uma moça que concorda em ser generosa antes do casamento; tem que arcar com as consequências de sua leviandade.

— Enquanto o homem sai andando como se nada tivesse acontecido? Negativo! — Camilla protestou. — Isso é usar dois pesos e duas medidas.

Nic Xandreou deu de ombros.

— Spiro é jovem. Não vou permitir que arruíne o futuro por causa de uma atitude impensada.

— E quanto ao futuro de Katie? Essa preocupação passou por sua cabeça?

— Sua irmã é uma jovem inteligente. Vai compreender.

— Não pode tratar o assunto com essa frieza. Katie está sofrendo! Eles estão apaixonados!

Ele riu cinicamente.

— A primeira paixão das muitas que os dois ainda vão experimentar; aposto.

Para Spiro talvez fosse assim, mas para Katie não era, Camilla pensou, odiando o chauvinismo dos Xandreou. Sua irmã entregara-se de corpo, alma e coração. Uma rejeição como aquela poderia deixar marcas para toda a vida.

— Foi Spiro quem decidiu? — perguntou.

Ele fez uma pausa.

— Spiro sabe que cometeu um erro. Sou o irmão mais velho e ele fará o que eu mandar.

— Sua palavra é uma sentença — Camilla ironizou.

Nic Xandreou ignorou a ironia.

— Tenho meus planos para Spiro. Eles não incluem sua irmã.

— Um casamento arranjado!

— Um casamento fundamentado nos bons costumes e na tradição. Spiro vai ser um homem muito rico. Não vai se entregar à primeira mocinha de rosto bonito que aparecer.

— Então, se Katie fosse rica, a história seria diferente — Camilla comentou amargurada.

— Eu não diria isso. A esposa de Spiro, antes de tudo, terá de ser uma moça comportada.

— Quando as pessoas estão apaixonadas nem sempre usam a razão. Nunca estive com a cabeça virada por ninguém, Sr. Xandreou? Ou é como aquela estátua de bronze que vi em sua vila? Bela, mas sem coração.

— Você fala muito, thespinis. Meus sentimentos não estão em discussão.

— Mas Spiro e Katie precisam se encontrar para falar sobre o bebê. Você não pode impedir que se vejam — Camilla apelou desesperada.

— Não vai ser possível.

— Essa é sua opinião. Spiro poderá pensar diferente.

— O assunto não está aberto à discussão. Não há nenhum propósito em você permanecer em Karthos. Nem você nem sua irmã. Voltem para o lugar de onde vieram.

— Não antes de Katie ver Spiro. Você não tem o direito de mantê-los separados dessa maneira arbitrários. Agora posso compreender por que a palavra, "tirano" é de origem grega.

As primeiras casas de Karthos começaram a aparecer.

— Não vamos discutir meus direitos — Nic Xandreou replicou friamente. — Spiro não deseja ver sua irmã. Na verdade ele nem se lembra que um dia ela existiu.

— Não acredito. Você está com medo de deixar que eles se encontrem outra vez. Não quer perder a influência sobre Spiro e deixá-lo viver sua própria vida.

— Eles podem se encontrar quantas vezes quiser, mas garanto que não vai fazer a menor diferença.

Nic Xandreou fez a curva na praça e breiou o jipe abruptamente na frente do hotel.

— Por que eu acreditaria no que está dizendo? — resmungou Camilla.

Viu-o abrir a porta do veículo com brusquidão, descer e dar volta para ajudá-la a desembarcar.

— Porque a pancada na cabeça deixou Spiro com amnésia — ele explicou em tom sério. —

Não se lembra de nada do que aconteceu antes do acidente.

Parada na calçada, como se estivesse chumbada no chão, ela sentiu as mãos dele apertarem seus ombros com dureza. Os olhos negros cintilaram ao fixar-se em seu rosto.

— Satisfeita, agora? — ele perguntou sarcástico.

— Oh, não! Coitado! — Camilla exclamou, levando a mão à boca, horrorizada. — Não pode ser verdade!

— Acha que eu mentiria sobre um assunto tão sério?

— Eu não disse isso. Oh, Deus! E agora, o que faremos?

— Você não vai fazer nada. Vou cuidar sozinho do meu irmão até que ele recupere a memória e fique completamente bom.

— Isso é o que você pensa. Não vou deixar que afaste Katie da vida dele assim, sem mais nem menos.

— Está querendo me dizer o que devo fazer? Uma mulher, pretendendo impor sua vontade a Nic Xandreou? Nunca!

Ele riu com desdém e puxou-a impetuosamente para si. Camilla quase gritou por causa da dor que sentiu no braço machucado, mas foi silenciada por um beijo repentino e violento.

Ela sentiu todas as fibras do corpo vibrar, reagindo à masculinidade daquele corpo comprimido ao seu. Teve a sensação de que sempre soubera, no íntimo da alma, que um dia aquele momento embriagador aconteceria.

Então, com o mesmo ímpeto com que a beijara, Nic soltou-a.

— E agora, Srta: Camilla Dryden, não apareça mais na minha frente, ou poderá se arrepender — avisou asperamente.

A seguir, tornou a entrar no jipe e foi embora, deixando-a muda; completamente atônita.

CAPÍTULO IV

Camilla sentia as pernas trêmulas ao cruzar o restaurante externo em direção à escada que subia pelo lado de fora do prédio até o andar superior.

Nunca fora beijada na rua. Aliás, nunca fora beijada de maneira tão arrebatadora.

E não podia livrar-se do sentimento de vergonha, percebendo os olhares do pessoal do hotel.

Notou os risinhos e cotoveladas entre os garçons que preparavam as mesas para o jantar.

— Mulher de Xandreou — alguém cochichou e riu.

O que teria levado Nic a agir daquela forma? Fora um comportamento intempestivo e totalmente descabido. Começando a subir a escada, ela procurou evitar o olhar desaprovador de Maria, esposa de Kostas, que estava lavando o pátio. A mulher obviamente a considerava uma leviana.

Voltando a pensar em Nic, ela refletiu que talvez ele a beijara para manifestar o desprezo pela irmã de uma garota que se deixara seduzir tão facilmente: Bem, ele estava subestimando as duas e pagaria caro por esse erro.

Se ele pensava que podia humilhá-la, tratando-a como se ela fosse uma ordinária e simplesmente ir embora, estava completamente enganado. Contudo, talvez fosse melhor não contar nada daquilo a Katie, pelo menos por enquanto. Nem revelar o estado em que se encontrava o namorado. Apesar de determinada a reunir a irmã e Spiro, custasse o que custasse, não achava necessário aborrecê-la antes do tempo.

Quando fosse a clínica, no dia seguinte, perguntaria ao médico sobre o problema do rapaz, o tratamento que ele estava tendo e o provável tempo de duração da amnésia.

A intransigência de Nic Xandreou era outro assunto a ser resolvido. Ainda não tinha a mínima

idéia de como enfrentá-lo, mas pensaria em alguma coisa, refletiu, ao entrar no quarto.

Katie acabara de tomar banho e estava saindo do banheiro, envolvida numa toalha.

— Por que demorou? O que aconteceu? — perguntou confusa, olhando o braço esfolado de Camilla.

— A coisa mais estúpida que poderia acontecer. Aluguei uma moto para dar umas voltas por aí e levei um tombo.

Katie arregalou os olhos, horrorizada.

— Você machucou o braço! Poderia ter morrido!

— Machuquei a perna também, mas não morri. Ao contrário, matei a vontade de viver perigosamente. E você? O que andou fazendo?

— Dormi até tarde — a irmã explicou, enxugando o cabelo. — Depois fui à praia. A água estava uma delícia. Você devia ter ido também.

— Bem que eu gostaria. Quer me ajudar a tirar a blusa?

Katie aproximou-se e começou a soltar os pequenos botões.

Felizmente, não notou que a peça delicada não pertencia a Camilla. Devia estar mesmo muito triste e preocupada, porque sempre percebia tudo, principalmente roupas novas.

— A praia estava lotada — continuou. — Fiquei imaginando como seria maravilhoso ver Spiro andando na minha direção, como na primeira vez.

— Seria fantástico, querida. Dá para perceber como você está apaixonada por ele.

— Apaixonar-me por Spiro foi tão rápido e fácil quanto inesperado. Por que tudo precisava ficar difícil e complicado, de repente?

— Vamos descomplicar tudo — Camilla tranqüilizou-a. — Prometo. No momento, o mais importante é decidir o que vamos comer no nosso primeiro jantar neste lugar. Quer comer aqui mesmo ou prefere uma das tabernas?

— Prefiro ficar no hotel — a irmã optou; subitamente desanimada. — Não faz diferença nenhuma.

Revoltada, desejando poder apertar a garganta de Nic Xandreou até matá-lo sufocado, Camilla fechou as mãos num gesto furioso. Mas não disse nada, marchando para o banheiro.

Após um banho rápido, escolheu um vestido azul-hortênsia, largo e confortável, que a irmã ajudou-a a ajeitar no corpo. Deixou o cabelo solto nos ombros e aplicou uma maquiagem leve.

Quando desceram para o restaurante, as duas foram extremamente bem recebidas por Kostas, que as levou para uma das mesas.

— O que vão beber senhoritas?

— Suco de laranja para mim — Katie pediu; um pouco mais alegre, para alívio de Camilla. — E retsina para minha irmã.

— Ótimo — ele aprovou. — E para comer, posso sugerir cordeiro assado com legumes?

As duas aceitaram a sugestão e ele foi para a cozinha berrando instruções.

— Que diabos é retsina! — Camilla perguntou desconfiada, percebendo o olhar malicioso de Katie.

— Vinho branco resinado, especialidade da Grécia. Spiro me explicou que a bebida pega o sabor da madeira do tonel onde é envelhecido. Você vai gostar.

Pouco depois o suco e o vinho chegaram. Camilla experimentou o retsina, cautelosamente. No começo, achou o sabor um pouco estranho, mas logo se acostumou ao paladar. Ficou melhor ainda, quando Kostas serviu um acompanhamento de camarão frito com molho de iogurte e pepino, irresistível.

O prato principal estava macio e saboroso e Camilla ficou mais tranqüila ao ver Katie comer toda a porção que lhe coube. Ambas dispensaram a sobremesa e optaram apenas por um cafezinho.

Após o café, foi servido licor de tangerina e Kostas informou que a diversão logo iria começar.

— Esta noite, senhoritas, nós teremos música e dança típica, ao vivo.

— É divertido — Katie comentou pensativa. — Spiro e eu vimos umas apresentações em um clube de Atenas.

Camilla não fazia a menor idéia de como seria o show, quando um trio de músicos começou a tocar uma melodia viva e contagiante. Todos os presentes, alegres e descontraídos, puseram-se a acompanhar o ritmo, batendo palmas.

Kostas, sorridente, abriu o baile com alguns dos garçons, movendo-se lentamente, com altivez. Katie riu, animada.

— Chama-se syrto — esclareceu. — É uma dança incrivelmente antiga e tem apenas seis movimentos, mas o líder sempre acrescenta outras variações.

Apesar de corpulento, Kostas era ágil e, leve nos passos que executava, perfeitamente no ritmo. Encostada no batente da porta de entrada do hotel, Maria observava a cena com ar carrancudo.

Seu comportamento contrastava fortemente com o do marido. Se aquele fora um casamento arranjado, Kostas parecia ter ficado com a parte pior, Camilla pensou.

O ritmo mudou e outras pessoas também entraram na dança, andando e girando entre as mesas, formando uma extensa fila.

Camilla meneou negativamente a cabeça, quando Kostas convidou-a para entrar no cordão. A perna e o braço machucados ainda estavam muito doloridos para aquele tipo de esforço. Katie, porém, levantou-se prontamente.

— Acha que deve? — Camilla perguntou.

— Só uma vez. Isso me traz boas recordações — a irmã alegou, sorrindo e com os olhos brilhantes.

"Ela é jovem e saudável", Camilla refletiu, tomando um gole do drinque que pedira poucos instantes atrás. "Não seria justo, prendê-la na barra da minha saia". Katie precisaria de todo o estoque de alegria que conseguisse juntar para resistir ao sofrimento, quando soubesse da verdade.

Os que continuavam sentados observavam a dança, batendo palmas e rindo, contagiados pelo espetáculo de cores e movimentos ritmados. Camilla, de repente, teve a nítida sensação de que alguém a olhava fixamente.

A música pareceu diluir-se na distância e a visão ficou obscurecida, tão forte foi o nervosismo que a dominou. Trêmula, colocou o copo cuidadosamente sobre a mesa e arriscou um olhar disfarçado na direção da porta de entrada.

Nic Xandreou estava lá, de pé, com as mãos na cintura. Usava uma calça, cinza-claro e camisa da mesma cor, com um brilho sedoso. Os olhos negros encontraram os dela, desafiadores, e depois se desviaram para os dançarinos e pousaram sugestivamente em Katie, que era a mais jovem do grupo.

Camilla notou que ele esboçou um sorriso cínico e tomou a olhar para ela. Parecia perguntar: "É essa a grávida inocente e desiludida?"

Em seguida, girou nos calcanhares e desapareceu na escuridão da noite, tão silenciosamente quanto aparecera.

Com o coração batendo acelerado e a boca seca, Camilla tentou adivinhar o que ele fora fazer ali. Se tiver a intenção de conhecer Katie, não poderia ter escolhido ocasião pior.

A música terminou e a garota retornou para a mesa, arfando de cansaço, mas alegre.

— Maravilhoso! — exclamou. — Spiro sentiria orgulho de mim, se estivesse aqui. Tudo vai acabar bem, tenho certeza.

Constrangida, Camilla sorriu, pensando que daria tudo para que aquela confiança não acabasse em terrível desilusão.

Na manhã seguinte, Camilla subiu a rua calçada de paralelepípedos que levava ao centro da cidade e à clínica.

Felizmente, Katie não aceitara o convite para acompanhá-la, preferindo encontrá-la na praia, mais tarde.

Por causa dos ferimentos e das preocupações, Camilla quase não dormira na noite anterior.

Ficara muito tempo acordada, ouvindo a respiração leve da irmã e planejando o que fazer, caso o médico se recusasse a ajudá-las.

Era uma possibilidade que não podia descartar. Obviamente ele era amigo da família e poderia facilmente concordar com as idéias de Nic Xandreou.

Com um suspiro, ela atravessou a rua movimentada, com lojas enfileiradas de ambos os lados, e parou admirada, em frente de uma vitrine. Sua atenção fora despertada por belíssimas bolsas de couro legítimo, mantas de tricô e toalhas de linho bordadas, produtos de primoroso trabalho artesanal.

Se a ocasião fosse outra, poderia dar uma olhada melhor nos artigos em oferta, mas, no momento, sabia que não havia tempo a perder.

Também não podia esquecer que Nic Xandreou parecia ter a ilha inteira no bolso. Era um homem poderoso e influente, enquanto que ela e Katie não passavam de simples forasteiras desprotegidas.

O instinto às vezes dizia-lhe que o melhor a fazer era sair do caminho de Nic ou até mesmo empreender uma retirada estratégica, voltando para a Inglaterra.

Entretanto, a despeito dos temores íntimos, tinha que levar em consideração os interesses da irmã e da criança que ia nascer. Afinal, Katie viera para Karthos para reunir-se ao homem que amava.

A clínica ficava num prédio antigo, que em outros tempos fora um mosteiro, de acordo com a placa com explicações em várias línguas. Todavia, lá dentro, Camilla observou as instalações, um sonho de modernidade. Petros, vestido inteiramente de branco, estava falando com a recepcionista, mas foi ao encontro dela com um sorriso amigável, tão logo a viu.

— Como está hoje, thespinis? Sem febre? Sem dor de cabeça?

— Um pouco dolorida, mas no geral estou bem. Acho que não vou precisar de antibióticos. — Ela fez uma pausa, hesitante. — Mas gostaria de falar com o senhor sobre outro assunto — explicou.

— Claro.

Ele abriu uma porta e fez um gesto para que ela entrasse. Ao passar para o outro aposento, Camilla sentiu a vista ofuscada pela claridade intensa. A luz entrava em abundância por grandes portas de vidro que, abertas, davam passagem para um bem-cuidado jardim, murado na volta toda.

Colunas tipicamente gregas davam um toque de antiguidade ao lugar.

Petros indicou uma cadeira, junto à escrivaninha de madeira escura, onde havia alguns papéis.

— Meu escritório — informou. — Se não bastasse minha função de médico, também sou diretor da clínica.

— Ah, então está explicado por que escolheu a melhor sala — observou Camilla, ignorando-lhe o gesto.

Admirada, deu alguns passos na direção do jardim e ficou observando o centro da área gramada, onde, numa pequena fonte, a água jorrava das mãos em concha de uma ninfa de pedra. Ao redor da fonte, grandes rosas aveludadas em várias cores, desde o vermelho-escuro até os mais claros tons, ofereciam um espetáculo de beleza fantástica.

— Que lugar maravilhoso!

— Obrigado, thespinis. Em que posso ajudá-la?

Ela voltou para o centro da sala e sentou-se diante de Petros, que ocupara a poltrona atrás da escrivaninha.

— Gostaria de saber mais detalhes sobre a amnésia de Spiro Xandreou — ela explicou, entrando direto no assunto. — Suponho que sabe por que minha irmã e eu viemos a Karthos.

— Já se falou sobre isso, na Vila Apolo — ele admitiu.

— Então, estamos em suas mãos. Quanto tempo acha que vai demorar em Spiro recobrar a memória?

— A essa pergunta eu não posso responder. A recuperação dele tanto pode ser lenta, como imediata. Há casos em que uma forte emoção pode restabelecer a memória de uma pessoa, de um momento para outro.

— Como ele está reagindo?

— Mal. Fica apavorado, quando percebe que seu passado mergulhou no nada e muito confuso, quando alguém fala de algo que ele não pode lembrar.

— Minha visita de ontem só atrapalhou, então — ela comentou com tristeza. — Mas eu não sabia de nada e...

— A família não quer que o assunto se espalhe — o médico observou. — A ilha é pequena e o

povo, simples e supersticioso. Uma perna quebrada pode ser facilmente compreendida, mas perda de memória, nem tanto.

— O senhor falou em emoção forte. Acha que se Spiro visse minha irmã novamente, poderia reagir?

— É provável que sim — ele concordou pensativo.

— Pode arranjar um encontro entre eles?

— Sinto muito, mas não vai ser possível. Nic deu ordens para que ninguém se aproxime da casa. Nem você, nem sua irmã serão recebidas.

— Oh, droga! Aquele miserável, desgraçado!

O olhar chocado de Petros interrompeu-a.

— Não deve dizer essas coisas, thespinis. Talvez não compreenda, mas Nic tem muitas responsabilidades. Era muito jovem, quando se tomou o patriarca da família e não tem sido nada fácil.

— Tenho a impressão de que o poderoso Sr. Xandreou nunca fez nada errado — Camilla comentou, amargurada. — Todos o consideram perfeito, um deus, acima dos erros e do sofrimento.

— Não é bem assim — o médico discordou. — Nic já sofreu muito. A perda dos pais, o casamento e depois a morte da esposa foram acontecimentos muito trágicos para ele. Deixaram marcas profundas, eu acho.

Camilla fitou-o, boquiaberta.

— Ele é viúvo?

— É.

Era a última coisa que ela esperava ouvir. Mordendo o lábio, lembrou-se de que o acusara de ser frio e sem sentimentos. Obviamente, não era verdade. Pelo menos ele um dia já se portara como um ser humano normal. E, por isso mesmo, tinha a obrigação de compreender melhor o problema de Katie e Spiro.

— Converse com ele, doutor — insistiu. — Tente convencê-lo de que uma aproximação entre os dois é uma tentativa válida, ao menos do ponto de vista médico.

— Posso tentar, mas não prometo nada. Nic é meu amigo e amigo de todos, em Karthos. Mantém esta clínica com seu próprio dinheiro, continuando a tradição do pai e do avô. Mas, como eles; é muito autoritário.

Camilla levantou-se.

— Então, está na hora de ele começar a mudar.

— É uma mulher corajosa, thespinis.

O telefone tocou. Petros atendeu e ouviu o que lhe diziam, franzindo a testa, preocupado.

Depois, disse algumas frases em grego e desligou.

— Tenho um assunto para resolver — informou, parecendo ligeiramente embaraçado. — Mas posso oferecer-lhe um café, antes que vá embora?

— Não se incomode — pediu Camilla, olhando para o relógio. — O senhor está ocupado, eu entendo.

— Por favor, será um prazer. Espere um momento.

Ele saiu da sala e Camilla aproximou-se de uma das portas de vidro, para olhar para o jardim.

O aroma das rosas, trazido pela brisa, era delicioso, e o gorgolejar da fonte acalmava como uma canção de ninar.

"Fiz bem em vir aqui", ela pensou. "Pelo menos há um fio de esperança."

A porta de ligação com a sala da recepcionista abriu-se, mas Camilla não se virou para olhar.

— Nem consigo dizer o quanto estou agradecida — declarou. — Tenho certeza de que conseguiremos persuadir o Sr. Xandreou a mudar de idéia.

— Tem certeza, thespinis? Eu não contaria com isso.

Ela estremeceu ao ouvir a voz sarcástica que já conhecia tão bem. Por um momento, ficou imóvel, como que paralisada. Depois se virou, tentando aparentar calma.

— Kalimera — Nic Xandreou saudou-a, sorrindo.

CAPÍTULO V

- O que está fazendo aqui, Sr. Xandreou? — Camilla perguntou.
- Sabia que viria falar com Petros Deroulades hoje de manhã. Pensei que pudéssemos trocar umas idéias em território neutro.
- Então foi você quem telefonou a Petros e por isso ele me deixou aqui sozinha?
- Não culpe o pobre Petros. Sou uma pessoa muito influente, nesta clínica.
- Foi o que ele me disse. Você é o próprio filantropo, Sr. Xandreou. Mas devia saber que a verdadeira caridade começa dentro de casa — Camilla replicou.
- É exatamente sobre isso que vim discutir — ele explicou, sentando-se na beirada da escrivaninha. — Não quer sentar-se?
- Estou bem assim. Veio dizer que vai suspender a proibição de Katie ver Spiro?
- Não. Sobre isso já está mais do que decidido.
- Então, nada mais temos a dizer um ao outro.
- De cabeça erguida, ela foi para a porta e tentou girar a maçaneta, mas não conseguiu.
- Poupe as energias, thespinis. Temos um ótimo sistema de segurança.
- Frustrada, ela percebeu que estava presa.
- Vai me deixar sair daqui agora mesmo! — ordenou com raiva.
- Só depois que ouvir o que tenho a dizer.
- Não estou interessada. Enquanto não mudar de opinião sobre Katie, não temos o que discutir.
- Veremos. Por falar nisso, onde está sua irmã?
- No hotel — Camilla respondeu, olhando para o relógio.
- Há esta hora, deve estar se perguntando onde estou.
- Tenho certeza de que ela não vai ter dificuldade em encontrar divertimento.
- O que está querendo dizer?
- Como você sabe, eu a vi dançando, ontem à noite. Parece que tem grande afinidade com os homens do meu país. Dançava com uma desenvoltura invejável.
- Então, seu irmão deve ter sido um bom professor — ela rebateu; incapaz de resistir à provocação. — Ensinou-a todos os passos pessoalmente.
- Ele apertou os lábios e ficou em silêncio.
- Ainda que mal pergunte, por que seu irmão estava trabalhando naquele hotel? — ela indagou.
- Uma estranha ocupação para um futuro milionário, não acha?
- Para você, um homem deve receber sua herança sem fazer nenhum esforço? Sem adquirir responsabilidade? Comer o fruto sem aprender a plantar? Spiro terá que trabalhar duro como eu fiz, desde a mais humilde função, até o topo da administração dos negócios. Um bom empresário precisa de conhecimentos práticos.
- O que você tem de sobra, naturalmente. Então, Atenas foi só o começo, para Spiro?
- Foi, mas não tenha pena dele. Há trabalhos piores, eu garanto — ele observou com sarcasmo.
- E sua irmã, Arianna, também vai trabalhar? Como arrumadeira?
- Não. Com as mulheres é diferente.
- "Não, no lugar de onde eu venho", ela pensou.
- Suponho que para Arianna você esteja arranjando um casamento que atenda aos seus interesses. Não se cansa de manipular as pessoas? Controlar suas vidas?
- Eu me preocupo com minha família, thespinis. Sou responsável por ela e por todos os que dependem de mim. Não posso ficar indiferente às minhas responsabilidades.
- E Arianna? Está conformada?
- Ela conhece seus deveres e Spiro também. Portanto, não alimente esperanças quanto às

pretensões de sua irmã. Ela não tem lugar na vida dele.

— E se Arianna estivesse na mesma situação de Katie, Sr. Xandreou? Como seria?

Contra a claridade do sol, o rosto dele parecia apenas uma sombra.

— Eu procuraria o homem até encontrá-lo e o mataria com minhas próprias mãos.

As palavras desvaneceram-se, mas o tom ameaçador permaneceu no ar, quase tangível.

Sentindo-se como se fosse sufocar, Camilla aproximou-se da porta que dava para o jardim, examinando o local na esperança de encontrar um jeito de fugir. Pura ilusão. O jardim era totalmente murado, nos quatro lados. O aroma forte das rosas tomou-se quase opressivo e, no ar pesado, ouvia-se o zumbido das abelhas trabalhando. Para acalmar os nervos, ela saiu e molhou os pulsos na água gelada da fonte.

Aquele lugar devia ser mais antigo do que o cristianismo, pensou, com o coração palpitando, descontrolado. Lembrava que, em tempos passados, os deuses pagãos tinham suas próprias leis e códigos selvagens que incluíam sangue e vingança.

Em um lado do jardim, um loureiro espalhava-se com suas folhas acetinadas. Era a árvore de Apolo, considerada sagrada, porque se supunha que guardava o espírito de uma jovem que o deus desejara. Daphne, a ninfa dos rios, fugira dele e refugiara-se na floresta para não ser capturada.

A ninfa o odiara, ou apenas fugira por ter medo do poder que ele exercia? Camilla podia entender o desespero dela. Seu Apolo estava ali, observando-a, com as mãos na cintura.

Com o olhar quase meditativo, ele a examinava dos pés à cabeça, demorando-se no movimento dos seios, que subiam e desciam com a respiração.

Ela nunca prestara atenção especial a nenhum outro homem, antes, e jamais tivera tanta dificuldade em controlar as emoções. Estava quase tremendo, sob a influência daqueles olhos negros.

O silêncio tomou-se pesado, perigoso.

Assustada, ela deu um passo atrás e foi colhida por um galho de roseira, ficando presa pelo vestido.

— Oh, não! — exclamou, esquivando-se assustada, quando Nic fez um gesto para ajudá-la. — Posso cuidar disso sozinha.

— Fique quieta e não seja tola — ele ordenou. — Não quero ser responsabilizado mais uma vez por estragar suas roupas.

Com extremo cuidado, soltou o vestido que estava preso nos espinhos.

— Obrigada — Camilla agradeceu, alisando na coxa o tecido amarfanhado.

Com um movimento flexível, ele se inclinou e colheu uma rosa ainda se abrindo.

— Tão suave, não é? Tão linda! — murmurou, roçando as pétalas no rosto de Camilla. — Mas tome cuidado. Como as mulheres, esta beleza esconde terríveis espinhos.

Ele quase se encostara a ela, fazendo-a sentir o calor do corpo másculo. Começou a passar a flor suavemente desde o queixo delicado até o limite do decote do vestido, fazendo-a sentir um ligeiro arrepio nos bicos dos seios.

"Oh, Deus", ela pensou. "Que loucura é essa? O que está acontecendo comigo?"

Consciente de sua fragilidade; sabia que ele estava fazendo algum tipo de jogo. Considerava-se uma mulher capaz de sair de todas as situações difíceis com sangue-frio e, embora estivesse praticamente prisioneira, não perderia o autocontrole por causa de Nic. Se ele era líder de uma família, ela também era. Teria de enfrentá-lo de igual para igual.

— Arranjou este encontro só para falar de flores? — perguntou ironicamente.

— É o que estamos fazendo? Não era minha intenção, mas não posso negar que é um tema bem agradável.

Olhando-a demoradamente, ele deu a entender que percebera suas reações íntimas, quando a importunara, acariciando-a com a rosa.

— Tenho uma proposta para lhe fazer.

Camilla inquietou-se.

— Que tipo de proposta?

— Dinheiro. Eu tinha decidido ignorar o caso de sua irmã completamente, mas seu

aparecimento repentino em minha casa pegou-me de surpresa, entende?

— Você pensou que Katie deixaria Spiro desaparecer de sua vida, sem se importar? — ela perguntou incrédula.

Ele deu de ombros.

— Não seria a primeira. Para muitas moças, um amor de verão é simplesmente um caso passageiro. Muitas preferem continuar livres.

— Katie não é assim — Camilla quase gritou; desesperada, batendo um punho fechado na palma da outra mão. — Gostaria que ela estivesse aqui para convencê-lo.

— Não provaria nada. Duvido que ela estivesse tão preocupada em encontrar meu irmão, se ele fosse realmente um simples garçom e não um Xandreou.

— Ela ama Spiro, e não seu dinheiro.

Nic deu uma risada zombeteira.

— Conheço essa história. Já disse a sua irmã que ela está proibida de encontrar-se com Spiro?

— Não contei nada a Katie sobre minha ida a sua casa, nem sobre a situação de Spiro.

— Por que não?

— Ela ficaria muito magoada, se eu dissesse que você não a considera digna de sua família.

Nic apertou os lábios, pensativo.

— Não existe um homem para falar por vocês? Estou disposto a estabelecer uma quantia em dinheiro que, bem investida, poderá prover o sustento da criança. Apenas temos que discutir as condições.

— Condições? Que condições? — Camilla perguntou tensa.

— Simples. Sua irmã vai receber o dinheiro através de nossos advogados. Depois disso, terá de prometer que irá embora de Karthos imediatamente e nunca mais entrará em contato com Spiro.

Ela não acreditou no que ouviu. Nic Xandreou pretendia comprar Katie! Desejava afastá-la da vida do irmão, como se ela fosse uma simples peça descartável.

— E se Spiro procurá-la, quando estiver curado?

— Ele não fará isso.

— Acha que é tão simples assim? — ela duvidou.

— E assim que tem que ser, ou não faremos negócio. Quero esse assunto encerrado o quanto antes, para evitar males maiores.

Ele fez uma ligeira pausa, olhando-a com frieza.

— Agradeça minha oferta — continuou. — Observei sua irmã dançando, ontem no hotel. Se, se comportou assim em Atenas, Spiro pode não ser o único candidato à paternidade da criança.

Camilla inflamou-se.

— Como ousa insultar-nos assim?

— Porque é verdade. Ela não é nenhuma santa. É igual a todas as outras que vêm à Grécia em busca de aventura. E você também não é diferente.

Atirou longe a rosa que ainda trazia na mão, fixando os olhos escuros nos de Camilla.

— Vamos ser francos. A verdade é que nossos corpos se atraem. Se eu quisesse, você seria minha a qualquer momento e ambos sabemos disso.

No silêncio que se fez, Camilla sentiu o sangue subir à cabeça. Cega de raiva, reunindo toda a força, desfechou um tremendo tapa no rosto moreno.

Nic inclinou a cabeça, com o choque, e resmungou algo em grego, colocando a mão na face atingida. Com raiva e incredulidade no olhar, investiu, tentando agarrá-la, mas ela correu para dentro do escritório.

Felizmente, como por milagre, Petros e Arianna estavam entrando na sala.

— Kalimera — Camilla murmurou, ao passar correndo pela porta.

Saiu para a rua e nunca saberia dizer como teve forças para chamar um táxi, porque ainda tremia transtornada de raiva e humilhação. Afundou-se no banco e balbuciou o endereço do hotel, resistindo ao desejo de olhar para trás para ver se o monstruoso Nic Xandreou a seguia.

Absurdamente, imaginou o que teria acontecido se a ninfa Daphne também tivesse esbofetado

Apolo. Provavelmente ele teria desistido de persegui-la e ela poderia tranqüilamente nadar no rio quantas vezes quisesse.

Ou, talvez, não. Não devia ser boa idéia desafiar um deus da antiguidade. Nem Nic Xandreou, embora o tapa que dera nele fosse bem merecido.

Ele devia estar acostumado a conquistar mulheres, usando o poder de seu carisma, e achara que ela cairia em sua armadilha.

Agora, com o rosto dolorido, talvez reconsiderasse seus conceitos e descobrisse que estava errado. E que se enganava redondamente, se pensava que Katie podia simplesmente ser comprada.

"Não há dinheiro suficiente no mundo que nos compre Sr. Xandreou", resmungou consigo mesma, quando o táxi parou diante do hotel.

Maria estava na recepção, quando ela entrou e pediu a chave do quarto. A mulher lançou-lhe um olhar venenoso e desapareceu atrás da cortina da porta que dava para os aposentos da família.

Logo a seguir, Kostas apareceu, acariciando o bigode, aparentemente cauteloso e embaraçado.

— Kyria Dryden — murmurou secamente, entregando a chave — lamento, mas cometemos um engano nas nossas reservas. Seu quarto estava reservado para outra pessoa. Tenho que pedir que o desocupe amanhã cedo.

Camilla sentiu-se como se tivesse sido golpeada na cabeça.

— Não pode fazer isso, Kostas! — protestou. — Pagamos quatro diárias, adiantadamente!

Ele espalmou as mãos no ar, num gesto que significava um pedido de desculpas.

— Seu dinheiro será totalmente devolvido. Sinto muito pelo incômodo.

— Chama isso de incômodo? — Desalentada, Camilla ainda tentou remediar. — Se o erro foi seu, o mínimo que tem a fazer é providenciar um quarto para nós, em outro hotel.

Kostas mostrou-se ainda mais nervoso e constrangido.

— Vai ser difícil, thespinis. Não quero problemas. Seria melhor que deixassem Karthos, eu acho. Tomem o trem para Zakynthos. Tenho um amigo lá que dirige um hotel bem calmo e agradável.

— Ah, já entendi! Querem nos ver não somente fora do seu hotel, como também fora da ilha! Diga-me, Kostas, a mão de Nic Xandreou está metida nessa história?

— Thespinis, não gosto nada disso, mas tenho que pedir que deixe meu hotel. Devolvo o dinheiro e vocês vão embora; certo?

Camilla apanhou a chave com toda a dignidade que pôde aparentar.

— Não se preocupe. Depois disso, nem sonharíamos em permanecer aqui.

Ao chegar ao quarto, estava a ponto de chorar. Não vencera Nic, como julgara. Mesmo à distância, ele tinha o poder de prejudicá-la. Bastara dar um telefonema para conseguir a retaliação pelo tapa que levava. E Kostas, como bom vassalo, estava cumprindo as ordens de seu senhor.

"Devia ter me controlado", ela se repreendeu. "Deixado que ele pensasse que estava negociando, para ganhar mais algum tempo aqui."

No entanto, sem alternativa, ela e Katie teriam de voltar para a Inglaterra e conseguir o melhor advogado que pudessem pagar. Isso significava que o caso iria transformar-se numa sórdida batalha.

Pensando na irmã, lembrou-se de que precisava encontrá-la imediatamente e contar tudo o que vinha se passando.

Estava descendo para procurar Katie, quando viu uma jovem entrar no restaurante, olhando ao redor com ar altivo.

Arianna Xandreou. Certamente Nic a enviara para certificar-se de que suas ordens tinham sido cumpridas.

Camilla retornou ao quarto, pegou a blusa de seda que tomara emprestada no dia anterior e saiu novamente.

Arianna a viu no instante em que ela chegou ao andar térreo e foi ao seu encontro com um sorriso maroto.

— Então, provocou o senhor das tempestades e sobreviveu! Estou cheia de admiração por você — declarou.

— Ah, já soube do que aconteceu?

— Não tudo, porque não ousei perguntar. Não tenho a sua coragem. Meu irmão odeia ser contrariado.

— Mas vai ter de acostumar-se — comentou Camilla. — Pretendo enfrentá-lo a vida inteira se for preciso, mesmo sendo deportada de Karthos. Pode dizer isso a ele.

Arianna olhou-a com evidente surpresa.

— O que quer dizer com "deportada"? Está indo embora?

— Não por minha livre vontade. Seu irmão tentou comprar-nos mas, como recusei, ordenou que o dono do hotel nós expulsasse. Estaremos na rua, a partir de amanhã.

A moça franziu as sobrancelhas, indignada.

— Não! Nic não faria uma coisa tão indecente! Ele tem seus defeitos, mas não é um mau-caráter.

— Kostas não inocentou seu irmão, quando perguntei se ele estava por trás disso — Camilla argumentou. — É óbvio que o poderoso Nic ficou furioso com o que aconteceu na clínica.

— Uma fera! — A jovem grega riu, satisfeita. — Dos meus irmãos, Spiro sempre foi o mais explosivo. Nic, ao contrário, sempre foi muito frio e controlado. É bom saber que existe alguém capaz de tirá-lo do sério, principalmente uma mulher.

— Ele não sabe com quem está lidando — murmurou Camilla.

— Venha, vamos conversar.

— Não quero criar problemas entre você e sua família — Camilla observou.

Arianna riu, com ar conspirador.

— Não se preocupe. Vai precisar da minha ajuda, se quiser que sua irmã veja Spiro.

Atônita, Camilla viu-se sentada a uma das mesas em companhia de Arianna, que pediu suco de pêssago para as duas.

— Você quer me ajudar? Como? — perguntou duvidosa.

Arianna deu de ombros.

— Spiro é meu irmão e eu o amo. Quero que seja feliz à maneira dele, sem a influência de Nic. Eu ajudo você e talvez um dia você também possa me ajudar, não é?

— É claro — Camilla concordou.

A adorável Arianna estava nitidamente interessada em alguma coisa, embora não fosse possível imaginar o que poderia ser.

— Quer dizer que meu adorável irmão Nic lhe ofereceu dinheiro?

— Ofereceu — afirmou Camilla com repugnância.

Arianna apertou-lhe a mão pousada na mesa.

— Não o queira mal por isso — intercedeu. — A vida toda, ele pensou que tudo e todos têm um preço e você o contrariou.

— O tapa não foi um gesto muito consciente — Camilla explicou. — Eu simplesmente me descontrolei.

— Foi ótimo. Você agora tem uma desculpa para ficar e continuar a discussão, deixando Nic pensar que está negociando.

— Depois de tudo, acho que seu irmão não vai mais querer conversar.

— Não? Então, olhe para trás e veja você mesma.

Camilla virou-se e viu Nic caminhando apressado e carrancudo na direção delas.

A tempestade que provocara estava prestes a desabar, refletiu.

CAPÍTULO VI

Camilla pôs-se de pé, empurrando a cadeira para trás, consciente da tremedeira nas pernas.

— Veio expulsar a mim e minha irmã pessoalmente, Sr. Xandreou? — desafiou, quando ele se aproximou.

— Não, thespinis. Vim apenas buscar Arianna — ele explicou, olhando para a irmã, que mexia o suco com o canudinho.

— Já estava indo embora, Nic — explicou à jovem.

— Vi seu carro aí na frente. O que veio fazer aqui? — ele perguntou, carrancudo.

— Decidi poupar kyria Dryden do trabalho de devolver minha blusa, que você lhe emprestou e que ela aceitou sob protesto. Lembra-se?

— Claro que sim — ele afirmou.

— E agora, estamos tomando um drinque de despedida.

Nic voltou sua atenção para Camilla.

— Está indo embora de Karthos?

A expressão dele era de surpresa. Camilla notou que o rosto moreno ainda trazia a marca do tapa que ela lhe dera. Uma pena que fosse apenas uma mancha vermelha na face. Um olho roxo seria muito melhor:

— Não se faça de desentendido, Nic Xandreou. Não foi você quem provocou nossa partida prematura?

— Eu?! Não! Naturalmente, aprovo a prudente decisão que tomou de voltar para sua terra, mas o que tenho a ver com isso?

— Camilla e Katie não vão voltar para a Inglaterra — esclareceu a irmã. — Mas, por sua causa, terão que deixar o hotel, amanhã — esclareceu a irmã.

— Que loucura é essa? — ele gritou. — Está me creditando mais influência do que realmente possuo!

— É claro que vai negar sua participação nessa sujeira — Camilla replicou.

— Não tenho o hábito de mentir e também não entendo o que está acontecendo. Vou chamar Kostas Philippides e ele dará a prova da minha inocência.

Kostas chegou com expressão mal-humorada. Camilla não entendeu muita coisa do que os dois homens conversaram, mas pelos gestos, o proprietário do hotel parecia na defensiva.

Nic despachou-o com impaciência.

— Foi Maria quem exigiu sua partida, Camilla. Por sua causa, um membro da família foi insultado e, em represália, ela se recusa a permitir que você e sua irmã permaneçam no hotel — traduziu.

— Por minha causa? — Camilla espantou-se, largando-se na cadeira. — Como? Não fiz nada!

— Fez, sim — Nic contrariou-a. — Você alugou uma moto, lembra-se? Eu chamei a atenção de Andonis e ameacei denunciá-lo à polícia, se ele continuasse alugando veículos em más condições. A conversa não foi muito amigável.

— Andonis é parente de Maria?

— Sobrinho. E existe outro que trabalha de garçom aqui no hotel.

"Claro" lembrou-se Camilla. "E o homem que me explicou como encontrar Nic. E acho que foi ele que me chamou de "mulher de Xandreou".

— Andonis comentou o fato com a tia — Nic continuou. — E quando você voltou para o hotel, ontem, ela encheu a cabeça de Kostas. Disse que você é criadora de casos e, além disso, moralmente suspeita.

— Que absurdo! Ela não vai me mandar embora por causa daquilo...

Camilla corou, levando as mãos ao rosto, lembrando-se do beijo insultante que Nic lhe dera quando se despedira. Maria vira tudo.

Nic encolheu os ombros num gesto displicente.

— Ela sempre viveu em Karthos. Não tem a mente muito aberta, mas o principal motivo deve ter sido a bronca que dei em Andonis.

— Mas foi você quem irritou essa mulher, não eu! — alegou Camilla.

— Eu sei. Garanti que você é inocente, mas Maria tem um temperamento terrível e vai tornar a

vida de Kostas um inferno, se ele não atendê-la.

Arianna olhou-o com desgosto.

— Então, é verdade. Camilla e a irmã estão sendo colocadas na rua por culpa sua, — acusou.

— Parece que sim — ele admitiu. — Eu não podia adivinhar que minha conversa com Andonis tivesse essa repercussão.

Arianna recostou-se na cadeira.

— Precisamos consertar o estrago que você fez Nic.

— O que você quer que eu faça?

— Não podemos deixar duas garotas na rua, principalmente uma delas estando grávida. Somos responsáveis, meu irmão, e temos de ajudá-las. Podem ficar em nossa casa.

Camilla viu Nic respirar fundo e franzir as sobrancelhas, contrariado.

— Não! — ela e ele explodiram a uma só voz.

Arianna riu.

— Finalmente vocês concordaram em alguma coisa, mesmo sendo para discordar. Entretanto, não temos alternativa. Camilla e Katie ficarão conosco. Se não for à Vila Apolo, que seja na casa da praia.

— Não se incomode comigo e com minha irmã — Camilla tranqüilizou-a. — Só precisamos de um quarto em um hotel qualquer.

Arianna meneou a cabeça, duvidosa.

— Não vai ser fácil encontrar um quarto vago — comentou. — Karthos fica cheia de turistas nesta época do ano. Além disso, o que aconteceu a vocês é ultrajante e não condiz com o espírito hospitaleiro do povo grego, não é meu irmão?

— Tem razão — ele concordou com frieza. — Camilla e Katie foram ofendidas por minha causa e devo uma reparação. Ofereço nossa hospitalidade pelo tempo que permanecerem aqui.

— Nesse caso, prefiro ficar na casa da praia — Camilla optou.

Arianna empurrou o copo vazio, olhando para ela.

— Não será muito conveniente para sua irmã — argumentou. — Acho melhor ficarem na vila.

Em silêncio, Nic dava a impressão de permanecer muito calmo, mas para Camilla ele estava apenas controlando a raiva.

— A casa da praia está a sua disposição, thespinis. Amanhã mesmo poderá transferir-se para lá. Fica a uma razoável distância da vila, de modo que poderemos respeitar a privacidade de cada um.

— Compreendo — ela murmurou.

— Achei que compreenderia — Nic comentou. — Agora preciso ir e tomar algumas providências. E você, Arianna?

— Vou ficar mais um pouco, porque preciso fazer umas compras.

— A gente se vê mais tarde, então. Até amanhã, thespinis.

Quando ele saiu, Camilla olhou para a jovem grega com apreensão.

— Arianna, você me colocou numa situação difícil. Acho que não deveria aceitar...

— Você quer ficar em Karthos, não quer? Isso é o mais importante, não seu orgulho, ou essa guerra com Nic.

— É melhor que seu irmão e eu fiquemos longe um do outro, acredite.

— Nesse caso, a casa da praia é perfeita. Nic nunca vai lá. Foi onde passou a lua-de-mel e o lugar lhe traz lembranças muito desagradáveis.

— Oh, meu Deus! — suspirou Camilla. — Katie e eu somos as últimas pessoas que ele desejaria ver numa casa que evoca recordações tão pessoais.

— Mais razões ainda para ele não ir lá — Arianna ponderou.

— Soula é quem vai gostar. Ela foi nossa ama, quando éramos crianças. Morou conosco nos Estados Unidos e na Austrália e fala bem o inglês.

— Agora é caseira da residência na praia?

— É. Vocês ficando lá, será fácil arranjar um encontro entre sua irmã e Spiro. Bem, agora, seria bom que Katie e eu nos conhecêssemos, não é?

— Claro — Camilla concordou, mecanicamente. — Vamos procurá-la.

Levantou-se da cadeira com as pernas ligeiramente trêmulas. Os planos que fizera começavam a tomar outros rumos. Ela e a irmã estavam prestes a se tomarem hóspedes de Nic Xandreou!

Encontraram Katie na praia. Em silêncio, a jovem grávida ouviu toda a história, tomando conhecimento do que acontecera desde a chegada dela e de Camilla a Karthos.

Empalideceu ao saber das conseqüências do acidente sofrido por Spiro, mas ficou mais tranqüila, quando Arianna explicou que ele poderia recuperar-se totalmente.

— Eu devia estar ao lado dele — choramingou. — Spiro precisa de mim.

Arianna acariciou-lhe o braço com gentileza.

— Claro. Mas, infelizmente, primeiro teremos de vencer a teimosia do meu irmão mais velho.

Para surpresa de Camilla, as duas jovens falaram-se como se já fossem amigas. Fizeram perguntas uma sobre a outra e Arianna mostrou-se encantada quando soube que Katie era um pouco mais nova que ela.

— Uma irmãzinha! — exclamou. — Foi o que eu sempre quis ter! Spiro disse que eu gostaria de você quando a conhecesse. Tinha razão.

Katie sorriu.

— Ele falou sobre mim? — perguntou, animada.

— Naturalmente. Sabia que eu ficaria feliz por ele. Com Nic, porém, a história foi outra. Meu Deus, que briga! Karthos inteira deve ter ouvido o barulho que aqueles dois fizeram.

Katie baixou a cabeça, entristecida.

— Spiro me avisou que teria dificuldades com o irmão.

— Os dois sempre brigaram, embora nunca fosse nada sério. Nic tem sua opinião sobre o casamento. Planejou uma noiva para Spiro e até fez os primeiros contatos com a família da moça. Por isso, quando Spiro escolheu outra pessoa, não gostou nem um pouco.

— É compreensível — Camilla desculpou, constrangida.

— Mas, se Nic está tão interessado nesse casamento, por que ele mesmo não casa com a moça?

— Gato escaldado tem medo de água fria — a grega replicou, sorrindo. — Nic não quer compromisso sério. Tem uma namorada em Atenas e outra em Nova York, me parece. Por que escolher um prato só, se pode ficar com o banquete inteiro?

Camilla colocou-se de pé.

— Acho melhor ir tratando de arrumar as malas, já que vamos mudar amanhã cedo.

— Quer que eu ajude? — Katie ofereceu-se.

— Nada disso. Fique aí mesmo onde está e aproveite o sol.

— Também vou ficar — a jovem grega decidiu. — Katie e eu temos muito que conversar.

Arianna era esperta, Camilla pensou, retornando para o hotel. Será uma importante aliada na luta para reunir Spiro e Katie.

Passando por entre as mesas do restaurante, Camilla refletiu que o lugar parecia totalmente deserto. No entanto, tinha a nítida impressão de que alguém a observava. Talvez fossem os olhos diabólicos de Maria, espiando-a por trás da cortina.

O quarto estava com as persianas baixadas, mergulhado numa penumbra fresca e agradável.

Com relutância, Camilla abriu as malas vazias sobre uma das camas. Não esperara ter de fazer isso tão cedo. Entretanto, para ser honesta, não encontrara em Karthos nada que a fizesse desejar ficar lá por mais tempo. Nada, nem ninguém.

De repente, a imagem de Nic Xandreou desenhou-se em sua mente. Era como se ele estivesse ali, naquele quarto, tão perto que bastaria estender as mãos para tocá-lo, para sentir o calor da pele bronzeada e a dureza dos músculos esculturais.

Com um arrepio que lhe percorreu o corpo como uma descarga elétrica, ela tentou ordenar os pensamentos. O que estava acontecendo? Por que deixava a mente enveredar por caminhos tão proibidos?

"Você não é a única", justificou-se. "Neste exato momento, a mesma fantasia pode estar se repetindo em Atenas, em Nova York e até mesmo em outros lugares".

"Mulheres de Xandreou", ela pensou, entrando no banheiro para uma ducha rápida. Precisava refrescar-se um pouco, recuperar o amor próprio, acalmar os sentidos e varrer Nic Xandreou para fora de seus pensamentos.

Ao terminar o banho, sentiu-se melhor. Envolvida na toalha amarrada logo acima dos seios, com o cabelo solto nos ombros, estava saindo do banheiro, quando ouviu alguém bater na porta do quarto.

Achando que Katie voltara mais cedo do que ela imaginara, foi abrir a porta, sorridente.

Quando viu quem estava lá fora, sentiu o sorriso morrer.

Era o sobrinho de Maria, um dos garçons do hotel.

— O que quer aqui? — ela perguntou secamente.

— Vim vê-la, thespinis. Está sozinha?

— Estou, mas não preciso de companhia.

Ela tentou fechar a porta, mas ele foi mais rápido e segurou a folha de madeira com o ombro.

— A não ser que seja Nic Xandreou, não é? — ele acusou. — Amanhã vai estar com ele, na casa dele, na mesma cama. Pensou que ninguém ficaria sabendo?

O olhar do garçom tomou-se malicioso, examinando-a demoradamente.

— Foi o próprio Xandreou quem contou a Kostas para onde você vai; depois que deixar o hotel — prosseguiu. — Devia me agradecer por eu ter informado onde encontrá-lo.

— Já agradei. Agora, saia, ou chamarei sua tia.

— Pensa que ela se incomoda? Maria sabe o que você é. Uma vagabundinha inglesa que vai esquentar a cama de Xandreou. Pois fique sabendo que ele não é o único homem, em Karthos. — Tentando forçar a entrada, ele a olhou ameaçadoramente e com avidez. — Quem vai saber, se eu provar primeiro o mel que Xandreou reservou para ele?

— Eu saberia — a voz gelada de Nic ecoou atrás dele. — E também sei como castigar um canalha como você.

— Kyrios Nicos! — o jovem garçom exclamou em grego, tomando-se pálido, como cera.

Escapuliu rapidamente, correndo escada abaixo.

Nic foi atrás dele e Camilla apenas ouviu o barulho surdo de um soco e um grito de dor. Em seguida, Nic reapareceu na porta do quarto, esfregando os nós dos dedos da mão direita.

— Você bateu nele? — ela perguntou em tom fraco.

Nic deu de ombros.

— Vai ficar com a boca machucada por uns dias, para aprender a não insultar mulheres.

— Mas não aconteceu nada mais grave — ela informou.

— Se não aconteceu, não foi graças a você. Está maluca, para permitir que um cara como esse entre em seu quarto, sem estar vestida? Ou será que o intruso aqui sou eu?

— Como ousa? — Camilla protestou — Você sabe que isso não é verdade.

— Como posso saber? Pelo que vi você não deu a ele o mesmo tratamento que deu a mim. Por que não o esbofeteou? Por que abriu a porta?

— Pensei que era Katie. Nunca imaginei que ele fosse pensar que eu... Bem, você ouviu o que o idiota disse.

— Nem precisaria ouvir, porque já tinha imaginado que algo assim poderia acontecer. Foi por isso que voltei. Queria dizer-lhe que não acho seguro vocês permanecerem aqui nem mais uma noite. Poderiam ser assediadas.

— Agradeço Sr. Xandreou.

— Hesitei em vir, mas então... — Ele interrompeu-se, meneando a cabeça.

— Então, o quê? — ela perguntou curiosa.

— Pode não acreditar, porque parece absurdo, mas foi como e eu ouvisse você me chamar — ele explicou com visível acanhamento.

"Você ouviu", Camilla pensou, arrepiando-se. "Ouviu meu pensamento, quando entrei no quarto e recordei sua imagem."

— Por isso decidi voltar — ele continuou. — Arrume suas coisas e venha comigo. Não precisa

mais ficar aqui.

Ela respirou fundo.

— Primeiro tenho de chamar minha irmã. Ela está na praia.

Indecisa, evitou mencionar que Arianna estava na praia com Katie. Talvez Nic Xandreou não aprovasse a amizade que começava a nascer entre as duas.

— Vou mandar Kostas procurá-la. E terei de dizer a ele que aprenda a controlar os parentes daquela bruxa que tem por mulher e assumir o comando da casa.

Camilla exalou um longo suspiro.

— Não acha esse comportamento muito arbitrário?

— Como pode pensar assim, depois de tudo o que aconteceu aqui?

— Estou me referindo de um modo geral — ela explicou. — Você não parece impor limites a sua própria conduta. Afinal é por sua culpa que estamos em maus lençóis.

— Já admiti isso.

— Se não fosse tão machista e não tivesse me desrespeitado na frente de Maria, não precisaríamos sair daqui á toque de caixa — ela prosseguiu.

— Qual é o problema? Vocês vão para uma de minhas propriedades — ele argumentou.

— Mais um motivo para que as pessoas imaginem que eu e você...

— Que imaginem o que quiserem — ele replicou em tom de desprezo.

— É fácil para você pensar assim. Mas vou ser considerada apenas mais uma na sua longa lista de amantes.

Nic Xandreou tomou fôlego, indignado.

— Fique sabendo que até hoje ninguém ousou falar comigo com tanta insolência. Tem a língua muito comprida, Camilla Dryden.

— Tenho e está na hora de alguém começar a dizer o que pensa de Nic Xandreou. Você precisa saber que é arrogante e insensível — Camilla gritou atropeladamente, debulhando-se em lágrimas de nervosismo.

Nic resmungou qualquer coisa ininteligível e guiou-a até a cama, obrigando-a a sentar-se. A seguir, entregou-lhe vários lenços de papel que tirou de uma caixa colocada em cima da mesinha de cabeceira.

Como estava com a cabeça apoiada no ombro dele, Camilla afastou-se um pouco para enxugar as lágrimas.

— Sinto muito — balbuciou.

— Eu também — ele declarou. — Mais do que você imagina.

Com ternura, segurou-a pelo queixo, obrigando-a a erguer o rosto. Então, beijou-a longamente. Quando o beijo terminou, Camilla notou que ele sorria com sarcástica aprovação.

— O jovem Stavros tinha razão, minha querida. Você é doce como o mel. Tem gosto de mel, de vinho, de fruta madura, ao ponto de ser colhida. Enfim, uma perfeita tentação para qualquer homem.

Com a ponta dos dedos, acariciou-lhe a pele nua desde o ombro até curva dos seios, onde parou.

— Mas não estou disposto a cair em tentação — continuou. — Espero que isso a tranquilize, especialmente sabendo que dentro de duas semanas estará indo embora para sempre.

Beijou-a mais uma vez e saiu do quarto.

Camilla viu-o sair e fechar a porta. Então, tratou de vestir-se rapidamente, antes que ele retornasse.

"Mulher de Xandreou". Assim a chamariam, quando ela saísse do hotel para ir para a casa da praia. Era um rótulo que teria que carregar até sair de Karthos ou quem sabe, até depois.

Ninguém imaginaria que nada poderia estar mais longe da verdade.

CAPÍTULO VII

Camilla, Katie e Nic, que dirigia o jipe, falaram muito pouco durante a viagem para a casa de praia. Pensativa, Camilla tentava concentrar-se na paisagem espetacular, enquanto a irmã permanecia calada, perdida em pensamentos.

De um lado da estrada esburacada subia a encosta da montanha, coberta de arbustos. Do outro lado, uma rampa perigosamente inclinada descia para o mar, que refletia a luz acobreada do poente como um enorme espelho.

Camilla, apesar de toda a beleza que a rodeava, não podia evitar pensamentos de angústia. O lugar para onde estavam indo parecia bem afastado da civilização. Ficariam abandonadas ali, até que o dinheiro acabasse e elas fossem obrigadas a ir embora.

Dinheiro! Na confusão da partida, esquecera de reclamar a devolução da quantia que pagara pelas diárias no hotel de Kostas. Suspirou irritada consigo mesma.

— Algum problema? — Nic perguntou.

— Nenhum — Camilla respondeu secamente.

Ele seria a última pessoa no mundo, a saber, que elas tinham problemas de dinheiro.

— Pensei ter ouvido você suspirar.

— É que tudo isso é muito bonito — ela disfarçou, fazendo um gesto para o lado do mar.

Ele assentiu.

— Todos dizem que esta parte da ilha é o lugar mais adorável do mundo. Gostaria de ter mais tempo para ficar aqui, mas preciso cuidar dos negócios, sempre em expansão.

"Ele só se interessa por dinheiro e poder", pensou Camilla. O destino de dois jovens apaixonados era um assunto sem a menor importância, que podia ser tratado entre um negócio e outro. A felicidade de Katie e Spiro certamente não figurava em nenhum de seus balanços financeiros.

Isso era algo de que ela não podia esquecer, pois manteria acesa a chama do rancor. Nic não a envolveria em seu encanto. Nunca mais.

O jipe sacolejou com mais violência ao entrar por uma estreita via secundária. Os galhos dos arbustos avançavam para a pista estreita, arranhando a lateral do veículo.

Depois de alguns minutos, fizeram uma curva fechada e a casa da praia apareceu diante deles, repentinamente. Comparada com a Vila Apolo era pequena, mas parecia agradável e aconchegante.

Camilla adorou o lugar, mas achou-o muito isolado. Durante toda a viagem, não vira nenhum vilarejo aonde pudesse chegar a pé.

Soula estava esperando, quando Nic estacionou o jipe na frente da casa. Era uma mulher idosa, de estatura baixa, gordinha, com o inevitável vestido preto e um lenço na cabeça. Um amplo sorriso suavizou-lhe as rugas do rosto, quando ela tomou as duas mãos de Camilla entre as suas.

— Seja bem-vinda — recepcionou alegre. — Você e Kyria Catherine também.

— Detesto ter de incomodá-la — Camilla declarou encabulada, enquanto Nic tirava as malas do veículo.

— Nada disso — Soula tranqüilizou-a. — Estou contente com sua visita. Teremos um pouco de vida por aqui. Venham.

O projeto da casa devia ter sido feito por arquiteto muito talentoso. De todos os quartos podia-se apreciar a vista maravilhosa, sentir a brisa marinha, que entrava pelas janelas largas, e ouvir o suave murmúrio das ondas.

No lado voltado para o mar, um terraço corria por toda a extensão da casa. Dele saía um lance de escada que descia tortuosamente até uma pequena enseada, de águas muito azuis e praia dourada.

— Ótimo lugar para tomar sol — Camilla comentou. — E também para nadar.

A casa toda tinha piso de lajotas cor de âmbar, que combinava com as paredes pintadas num tom mais suave. Na sala de estar, sofás e poltronas em tons de azul e amarelo compunham o ambiente descontraído. A sala de jantar ficava em nível ligeiramente mais elevado.

O quarto que coube a Camilla dava para o terraço e era o maior de todos. Deslumbrada, ela

olhou em volta, admirando a decoração. A cabeceira da cama, coberta por uma colcha bege, era formada por uma enorme peça de tapeçaria em tons de ouro e bronze, que chegava ao teto.

— Gostou? — a caseira perguntou, sorridente.

Camilla deu um leve assobio de admiração.

— É magnífico!

— Vou buscar café para você. Ouvi kyria Catherine dizer que está com dor de cabeça. Acho que deve descansar até a hora do jantar.

— Também acho — concordou Camilla.

"Este deve ser o quarto principal", imaginou ao ficar sozinha. "Provavelmente foi para esta cama que Nic trouxe a noiva, na noite de núpcias."

Decidiu que não queria dormir ali. Trocaria de quarto com Katie, para quem todas aquelas implicações não faziam diferença.

Sentindo-se sufocada, caminhou para a porta que levava ao terraço, cujas pilastras quase não apareciam sob os ramos de trepadeiras floridas. Deu um passo para fora e estacou, quando viu Nic sentado no parapeito da mureta, olhando para o mar, lá embaixo.

Como que alertado por um aviso misterioso, ele se voltou para ela com expressão tensa, quase amargurada. Teria se entregado a lembranças penosas, despertadas pelo lugar? Recuperando-se da surpresa, Camilla andou até a mureta, forçando um sorriso.

— A vista chega a emocionar, de tão linda, e a casa é maravilhosa — elogiou com sinceridade.

— Foi meu pai quem a construiu. Ele amava o mar. Depois que Spiro e Arianna nasceram, vendeu nossa casa na cidade e construiu a Vila Apolo, mas seu refúgio sempre foi aqui.

Apontando para um promontório no outro lado da enseada, onde se viam as paredes brancas de uma construção, Nic exibiu um sorriso irônico.

— Nossas duas casas parece muito distantes uma da outra, mas a Vila Apolo fica logo ali — observou.

— Tão perto! — Camilla admirou-se. — Eu não tinha percebido.

— Perto, indo pelo mar. Mas para chegar aqui por terra temos que dar uma grande volta por dentro da ilha, como você deve ter notado.

Com um gesto distraído, ele pegou uma pedrinha perdida no parapeito e atirou para baixo, na direção do mar.

— Spiro e eu costumávamos vir para cá a nado, quando éramos crianças, porque achávamos o caminho por terra muito comprido. Você é boa nadadora, Camilla?

— Nado mais ou menos, mas não me arrisco a vencer uma distância como essa.

— Me agrada que você tenha consciência do seu potencial. Às vezes é bom aceitar as próprias limitações — ele comentou.

— Oh, agora estou percebendo — Camilla exclamou, olhando ao redor. — Não é fácil sair daqui. Katie e eu estamos presas!

— Vocês não são minhas prisioneiras. Poderão ir embora quando quiserem.

— Sob que condição?

Ele riu.

— Você já sabe. Devia pelo menos ouvir minha proposta. Estou disposto a ser generoso, dentro do razoável.

— Não estou interessada.

— Tenho certeza que essa não é sua última palavra, Camilla. Aqui você vai ter bastante tempo e tranquilidade para pensar. Quando estiver pronta para conversar, me avise.

— Vai esperar muito tempo.

— Não tenho pressa.

Apanhando a jaqueta a seu lado, no parapeito, ele tirou do bolso um envelope volumoso.

Abriu-o, mostrando um maço de dinheiros grego.

— Isto é para você.

Camilla recusou-se a pegar o envelope.

— O que é isso? — perguntou irritada. — Uma parte do que pretende nos pagar para irmos embora? Quer nos tentar, para que aceitemos sua proposta? Não queremos seu dinheiro, Sr. Xandreou.

— Na verdade, este dinheiro lhe pertence, Kyria Dryden — ele declarou em tom formal. — Kostas devolveu o que pagaram adiantado. Felizmente, teve mais consciência do que aquela bruxa da mulher dele.

Pegando a mão dela, obrigou-a a fechar os dedos ao redor do envelope. Camilla sentiu um estranho calor subir-lhe pelo braço. Não podia negar que Nic tinha o poder de perturbá-la com o mais leve toque.

— Pegue, é seu — ele insistiu. — Vai precisar de muito dinheiro, se pretende continuar lutando contra mim.

Camilla olhou para o envelope.

— Não precisa me devolver. O aceite como pagamento do aluguel da casa — sugeriu.

Os olhos negros faiscaram de raiva.

— Por favor, não me insulte. Você e sua irmã são minhas hóspedes.

— Prefiro pagar — ela teimou. — Desista de fingir que está satisfeito com nossa presença aqui.

— Talvez não esteja, mas é um meio de resolvermos essa pendenga antes que voltem para casa. Ela respirou fundo.

— Tem certeza da vitória, não é?

— Absoluta — Nic afirmou, descendo do parapeito com um movimento brusco.

Pôs a jaqueta no ombro e fixou Camilla com um olhar perturbador. Ela lembrou-se de que a arma mais poderosa que ele possuía era sua carismática sexualidade. Não poderia jamais baixar a guarda, ou estaria perdida.

— Já vai? — perguntou, quase sem sentir.

— Preciso voltar para casa. Estou esperando um telefonema de Nova York.

— Assunto pessoal, ou de negócios? — ela quis saber, levada por inesperada ousadia.

Ele torceu os lábios num trejeito de desagrado.

— Já vi que minha irmãzinha fofoqueira não perdeu tempo — comentou. — Mas meus assuntos não são de sua conta, Camilla.

— Um é — ela replicou. — O que diz respeito à Katie e Spiro.

— Então, pense no que propus e lembre-se de que estou disposto a reabrir as negociações a qualquer momento.

— Aceitarei negociar — Camilla afirmou prontamente. — Com a condição de que você deixe Katie ver seu irmão. Não percebe que isso pode ajudá-lo a recuperar-se? Custa tentar?

— Spiro vai ficar bom sozinho, com o tempo. De qualquer forma, ele esqueceu também que teve um caso com sua irmã. De nada adiantaria um encontro entre eles, o que não deixa de ser bom.

— Você é cruel — Camilla acusou.

— Não. Sou prático. Quando aprender que não pode me impor condições, continuaremos o negócio. Não há alternativa, creia-me.

— Oh! Você é... Horrível! — ela explodiu.

— Desejo-lhe uma boa noite, Camilla. Durma bem na minha cama, agape mou, se puder.

Inclinando-se levemente numa mesura zombeteira, ele foi embora.

Agape mou, dissera. "Minha querida". E adivinhara que ela sentira repulsa diante da idéia de dormir na cama dele! Nic Xandreou era um demônio e estava decidido a atormentá-la.

Katie serviu-se de mais uma porção do delicioso frango com molho de limão que Soula preparara para o jantar.

— Está tudo bem — afirmou alegremente. — Não fique tão preocupada, minha irmã.

Camilla olhou-a, carrancuda.

— Gostaria de ter sua confiança. Estamos relativamente perto de Spiro, mas é como se que ele estivesse no outro lado do mundo.

Katie meneou a cabeça, negando.

— Não está tão longe assim. Arianna disse para termos paciência e esperarmos.

— Ah, é? — Camilla estrilou. — Lembre-se de que Arianna também é uma Xandreou, querida. Foi idéia de ela isolar-nos aqui. Tem certeza de que é nossa aliada?

— Absoluta. Nic está tentando controlar a vida dela também. Quer obrigá-la a casar com um homem a quem não ama.

Camilla gostou da novidade.

— É mesmo? E Arianna não pretende obedecê-lo — arriscou.

— Ela gosta de Petros Deroulades.

— Meu Deus! — Camilla exclamou.

O jovem médico parecia ser o homem menos indicado para uma garota glamorosa e rica como Arianna. Entretanto, era uma pessoa muito gentil, que mostrava franqueza e bondade no olhar.

— Petros também a ama — a irmã continuou. — Conhecem-se desde que eram crianças. A família Xandreou foi que custeou os estudos dele. Mas, como não é rico, nem influente, Nic nunca o aceitaria como marido de Arianna. — Katie suspirou. — Ela acha que o irmão ficará uma fera, se souber que os dois estão apaixonados — prosseguiu. — Petros poderá ser obrigado a afastar-se da clínica e até a ir embora de Karthos.

— Imagino — Camilla comentou em tom frio.

— Por isso, eles têm que disfarçar quando estão em público e encontram-se às escondidas.

— Ela contou tudo isso hoje? — Camilla perguntou, admirada.

Katie assentiu.

— Fizemos um trato. Arianna me ajudará a ficar com Spiro e nós faremos o que pudermos por ela e Petros.

— Não estou gostando disso. — Camilla meneou a cabeça, contrariada. — Já temos problemas demais. Sem falar que Nic pode estar com a razão, nesse caso. Talvez seja mais conveniente a irmã casar-se com um milionário.

— Por quê? Ela ama Petros!

— Arianna está acostumada a ter tudo o que quer e o salário de um médico pode não ser suficientes para...

Katie encarou-a, obviamente chocada.

— Camilla! Você está do lado de Nic?

— Não. Estou apenas sendo realista. Se interferirmos, Nic ficará furioso e no momento não precisamos disso.

— Está se esquecendo de que temos Spiro como aliado? Tudo vai acabar bem, você vai ver.

Camilla ficou sem ter o que dizer, diante da convicção da irmã, que parecia acreditar que o namorado se recuperaria da noite para o dia.

Mais tarde, no quarto, pegou-se desejando que Katie estivesse certa. Em tudo.

Insatisfeita, olhou ao redor. O plano de trocar de quarto não dera certo. Soula já desfizera as malas das duas e acomodado todas as coisas. Qualquer mudança chamaria a atenção e poderia chegar ao conhecimento de Nic.

Além disso, Katie descobrira que de sua janela podia ver as luzes da Vila Apolo, no outro lado da baía, o que lhe dava a sensação de estar mais perto de Spiro.

"Vou ter que ficar aqui, mesmo contra a vontade"; Camilla pensou.

Pegou os passaportes e o envelope com dinheiro, que pusera na bolsa, e procurou um lugar para guardá-los. Decidiu-se pela mesinha de cabeceira, mas a gaveta não abriu.

A princípio, parecia que estava trancada à chave, mas depois de muito puxar, Camilla percebeu que algo lá dentro se prendera à parte superior e impedia a gaveta de abrir-se. Com jeito, utilizando-se do cabo do pente de metal, conseguiu soltar o objeto.

Era um porta-retratos com moldura de prata, escurecida pelo tempo e por falta de polimento.

A foto mostrava uma moça de belas feições e cabelo loiro que lhe caía nos ombros nus. O sorriso radiante revelava dentes perfeitos. Um rosto realmente bonito, iluminado por brilhantes olhos cor de violeta.

Havia algo de familiar naquele rosto. A dedicatória, no canto esquerdo, chamou-lhe a atenção:

"Para Nic, uma lembrança da nossa lua-de-mel. Para sempre, Rachelle".

Camilla prendeu a respiração, espantada. Aquela era Rachelle Morgan, a atriz de cinema!

A jovem tivera uma carreira rápida e tempestuosa. Recebera uma indicação para o Oscar por sua atuação no único filme que protagonizara. Alguns anos atrás, Camilla lera nos jornais que Rachelle morrera de overdose, num motel de Los Angeles.

Rachelle Morgam morrera sozinha, muito longe de Karthos. Na época, comentaram muito o vertiginoso sucesso que ela alcançara na breve carreira e sua morte fora considerada uma tragédia.

Entretanto, nunca ninguém falara de seu casamento, nem de nenhum viúvo inconsolável.

Não era de admirar que Nic fosse tão amargurado e, cheio de revolta, o que transparecia em seu comportamento dominador.

Não era nenhum deus invulnerável, afinal, mas apenas um homem ferido que ficara com medo de sofrer novamente.

De súbito, um pensamento cruzou a mente de Camilla. E se a verdadeira vítima tivesse sido Rachelle Morgan? Quem poderia saber o que levava a linda atriz a destruir-se?

Com mãos trêmulas, colocou o porta-retrato na mesinha de cabeceira. Deixaria a foto ali, para lembrar-se de que Nic Xandreou talvez fosse mais perigoso do que ela imaginara.

Estremecendo, sentou-se na beirada da cama e escondeu o rosto entre as mãos; angustiada.

CAPÍTULO VIII

Naquela noite, Camilla demorou a dormir. Quando conseguiu, teve um sono tumultuado. Era como se os pensamentos confusos a prendessem num estranho mundo entre o sonho e a realidade.

Sonhou com um homem alto, de pele bronzeada, olhos escuros e ardentes. Nic Xandreou.

Viu-o deitar-se em sua cama, sentiu o calor do corpo másculo contra o seu, o ardor dos lábios que a beijavam com volúpia. Deixou que ele explorasse seu corpo febril e também o procurou, acariciando-o com abandono.

Acordou de repente, descobrindo que estava sozinha e sentindo-se frustrada. Chutou as cobertas para longe, cheia de irritação. O que estaria acontecendo? Por que se sentia tão atraída por um homem que mal conhecia e que considerava um inimigo?

— Dane-se, Nic! — murmurou no escuro. — Eu não devia ter vindo para cá. Agora, estou presa e não vejo nenhum jeito de fugir.

Após outro breve período de sono agitado, acordou bruscamente. Algo se movia no terraço.

Sentada na cama, mal respirava, na tentativa de ouvir melhor. Pensara que nenhum intruso iria até aquele lugar tão retirado para perturbar os ocupantes da casa. No entanto...

Cautelosamente, evitando fazer o menor ruído, vestiu o penhoar de algodão com gola de bordado inglês e abriu a porta para o terraço. Pôs a cabeça para fora e olhou em volta. Como não visse ninguém, saiu.

O céu, num tom claro de cinzento, anunciava o amanhecer. O ar era fresco, trazendo o cheiro do mar. Ela debruçou-se no parapeito e observou as ondas prateadas que perseguiam umas às outras, batendo no rochedo onde fora construída a casa.

— Kalimera — alguém a saudou.

Com um grito abafado, ela se virou bruscamente na direção da voz. Viu Nic, que a observava, com as mãos fincadas na cintura, parado diante da porta larga que unia o salão ao terraço. Usava calça jeans e uma camisa preta de mangas curtas, totalmente desabotoadas.

Camilla sentiu um estranho calor subir-lhe às faces quando se lembrou do sonho. Apertou a gola do penhoar contra o pescoço, numa atitude de defesa.

— O que está fazendo aqui? — perguntou aturdida.

Nic ergueu as sobrancelhas num trejeito de cinismo.

— Esta casa é minha, esqueceu?

— Você nunca vem aqui — ela argumentou. — Pelo menos foi isso...

— Que Arianna disse — ele completou. — Minha irmã é exagerada. De vez em quando venho visitar Soula.

— Sempre tão cedo?

— Não. Esta madrugada; saí para pescar. Vamos ter tainha fresca para o jantar de hoje.

— Não acredito! — ela exclamou incrédula.

Nic deu de ombros.

— A prova está na cozinha. Quer ver?

— Não é isso. O que eu quis dizer foi que não posso imaginar você pescando.

Ele riu.

— Para um grego, o mar é como o sangue que lhe corre nas veias. Além disso, ficar sozinho num veleiro, ao sabor das ondas, talvez seja a melhor maneira de pensar com clareza.

— Um veleiro? Pensei que preferisse navios. Parece-me que vocês têm uma frota.

— Temos, mas e daí? À exemplo do meu pai, conservei um veleiro para meu próprio uso — ele explicou, fazendo uma pausa. — Não queria acordá-la tão cedo, Camilla. Desculpe.

— Não tem importância. Essa não foi uma das minhas melhores noites. Uma situação como a nossa é de tirar o sono.

Ele deu de ombros.

— Pode acabar com isso num instante, se quiser.

— Pegando o dinheiro e indo embora? Nem pensar.

— Tenho paciência. Vou esperar que mude de idéia.

— Não sou eu quem deve decidir, nem você — ela ponderou. — Temos que levar Spiro e Katie em consideração.

— Infelizmente, não há lugar para sentimentalismo quando se trata de solucionar problemas da vida real — ele comentou, parecendo aborrecido.

— O que sabe da vida real, Sr. Xandreou? Em sua torre de marfim, feita de poder e dinheiro, basta estalar os dedos para que todos o obedeçam.

— Naturalmente você está excluída desse grupo de servos obedientes.

— Claro. Não vai querer ser o dono do mundo, vai?

— Isso eu nunca pretendi. Houve um tempo em que julguei que o amor podia vencer qualquer barreira. Mas aprendi que isso é besteira. A aproximação de mundos diferentes pode levar ao desastre. — Ele desviou o olhar, com expressão amargurada e introspectiva. — Foi uma lição que aprendi com muito sofrimento. Não desejo isso a ninguém, muito menos ao meu irmão — declarou.

— Não pode viver as experiências dele nem protegê-lo dos próprios erros — Camilla protestou.

— Então admite que Spiro e Katie; cometeram um erro?

— Não. O que quero dizer é que não estamos autorizados a decidir por eles.

— Não? Eu acho que estou; por ser mais maduro e vivido.

Camilla respirou fundo.

— O que aconteceu com sua esposa foi uma tragédia, concordo, mas o que isso tem a ver com Spiro e Katie?

Nic empertigou-se ameaçadoramente.

— O que sabe sobre meu casamento?

— Nada, realmente. E que encontrei uma foto de sua mulher na gaveta da mesinha de cabeceira. Eu a reconheci por que...

— O que está dizendo? Mostre-me essa foto.

Camilla entrou no quarto para pegar a fotografia, percebendo que Nic a seguia.

— Deve ter sido esquecida na gaveta — explicou, estendendo-lhe o porta-retrato.

— Um descuido imperdoável — ele comentou asperamente.

— Dei ordens para que tudo fosse removido. Não queria ficar com nenhuma lembrança.

— Uma beleza como a de Rachelle não se esquece facilmente — Camilla arriscou.

— Pode-se tentar, pelo menos.

Ele tirou a foto do porta-retrato e rasgou-a em vários pedaços, que jogou no chão.

— Oh, não! — Camilla gritou atônita. — Como pôde fazer isso?

— Foi fácil, acredite — ele afirmou.

Pegou-a firmemente pelos ombros e puxou-a para si. De olhos arregalados, Camilla adivinhou-lhe a intenção e tentou livrar-se. Não conseguiu. Nic beijou-a com paixão, fazendo-a mergulhar numa onda de súbito e incontrolável desejo.

Ela correspondeu com ardor, rendendo-se ao momento de prazer, e entreabriu os lábios para deixar que ele aprofundasse o beijo.

Apertou-se contra o corpo viril, deliciando-se com o contato dos músculos duros em sua carne macia. As mãos de Nic tremiam, quando ele começou a acariciá-la. Ele afastou o penhoar e desceu uma das alças da camisola, expondo um seio redondo, que tomou na mão afagando o mamilo intumescido.

Camilla sentiu o corpo arder de gozo angustiado. Percebeu que ele a levantava do chão e a deitava na cama. Estava novamente aprisionada como no sonho, debatendo-se entre o medo e a excitação.

Com o corpo, ele a prensou contra o colchão macio, enquanto ela se deixava envolver por seu abraço, experimentando novos anseios, num incompreensível desespero.

Continuando a beijá-la, ele baixou a outra alça da camisola.

— Se thelo — ele sussurrou. — Se thelo poli.

As palavras eram estranhas, mas Camilla entendeu, por instinto, que falavam apenas de desejo físico. O sonho desfez-se em mil fragmentos e ela foi resgatada da espécie de torpor em que se encontrava.

Caiu na fria realidade, dizendo a si mesma que enlouquecera, deixando que Nic a tocasse, na mesma cama que dividira com a esposa. E ele apenas queria possuir seu corpo, usando-a para seu prazer.

Fincando as mãos no peito de dele, decidida a resistir, empurrou-o.

— Matia mou, o que aconteceu? O que há de errado?

— Tudo — ela respondeu. — Me deixe, quero ficar sozinha. Como ousa...

Apressadamente, saiu da cama, recompondo a camisola em desalinho e protegendo os seios com as mãos.

Apoiado num cotovelo, Nic observou-a com um sorriso irônico.

— Não ousei coisa alguma, agape mou. Você desejou o que aconteceu tanto quanto eu. Ou, talvez, ainda mais.

Sentindo-se ruborizada, Camilla apontou para a porta.

— Saia já deste quarto! Desapareça da minha frente!

— Tem certeza de que é isso mesmo o que quer? — ele perguntou com sarcasmo. — Talvez precise aprender a ser mais complacente, como sua irmã. Vai descobrir que terá mais a ganhar. Posso até ser mais generoso com vocês duas.

Ela ergueu o queixo, desafiadoramente.

— E me tomar mais uma "mulher de Xandreou"? Não, kyrie, você está superestimando seus atrativos.

Nic franziu a testa, mas deu de ombros e saiu da cama.

— Que seja. Mas quero deixar claro que tudo tem um limite. Talvez fosse mais prudente você decidir logo sobre minha oferta, para o bem de sua irmã.

Sem a mínima pressa, foi se afastando em direção ao terraço e ainda virou-se para atirar um beijo de despedida.

— Me avise quando mudar de idéia.

— Sobre o quê? — perguntou Camilla, empertigando-se.

Nic lançou um olhar cobiçoso para ela e sorriu com malícia.

— Sobre tudo.

Era outra manhã de calor forte. Deitada numa espreguiçadeira, na parte sombreada do terraço, Camilla ouvia os sons vindos da sala, onde Arianna e Katie conversavam.

Admitia que sua desconfiança sobre a irmã de Nic e Spiro era sem fundamento. Ela ia visitá-las todos os dias e sua presença funcionava como elo de ligação com Spiro e até com o mundo, já que na casa não havia telefone.

Três longos dias haviam se arrastado, desde o encontro com Nic, ao alvorecer. Ele não aparecera mais desde aquele dia, mas Camilla ainda se sentia presa às tumultuadas emoções.

Milhares de vezes; tentara convencer-se de que fora apenas um momento de desvario. Não podia estar apaixonada por Nic Xandreou!

O fato era que perdera a paz de espírito e a queria de volta a qualquer custo. Entretanto, isso não aconteceria, enquanto ela e Katie estivessem naquela casa. Além da recordação dos momentos de paixão nos braços de Nic, a lembrança do rosto lindo de Rachelle também a perseguia.

Soula varrerá os fragmentos da foto sem dizer uma palavra, discretamente. A vida dos patrões era algo que a caseira não gostava de comentar, embora tivesse conversado com Katie sobre o tempo em que Nic e Spiro eram meninos.

Arianna fizera-lhe algumas recomendações e ela passara a controlar a dieta de Katie e o tempo que a jovem gestante ficava exposta ao sol.

Camilla suspirou, fechando os olhos. Uma vontade de voltar para casa antes que fosse tarde demais começava a sediá-la. Algo lhe dizia que a vinda para Karthos fora inútil. Nic provavelmente sairia vencedor daquela disputa, pois era o adversário mais forte, sob todos os aspectos.

Talvez o melhor a fazer fosse entrar em acordo com ele, desistindo da batalha. Contudo, haveria um problema. Katie não aceitaria a idéia de retomarem à Inglaterra.

— Kalimera — a voz de Arianna ecoou no terraço. Arrancada das reflexões, Camilla abriu os olhos e viu a jovem de pé a seu lado. Estava linda, usando um vestido justo; verde-claro.

— Soula acha que sua irmã precisa descansar mais um pouco — comentou a grega.

— Ela tem sido atenciosa o tempo todo — Camilla elogiou. — É um amor de pessoa.

Arianna assentiu, sentando-se na espreguiçadeira mais próxima.

— Soula gosta muito de Spiro e quer vê-lo feliz. Petros prometeu que vai fazer o possível para aproximá-lo de Katie. O maior problema é que Nic raramente se afasta da Vila Apolo e quando sai deixa Yannis cuidando de Spiro.

Pensativa, fez uma pausa.

— Precisamos encontrar um meio de tirar Nic de lá e mantê-lo longe por algum tempo — comentou depois de alguns instantes.

— Ele não costuma ir a Atenas de vez em quando? — Camilla perguntou interessada.

— Para ver Zoe? Quem sabe? Ele nunca me fala sobre esses assuntos.

— Imagino — resmungou Camilla.

Arianna inclinou-se para ela, com expressão de quem ia fazer uma declaração confidencial.

— Ele disse a Petros que pretende levar Spiro para os Estados Unidos, para consultar um especialista. Se fizer isso, vai ser o fim de tudo, porque acho que vocês não poderiam ir atrás deles.

— Claro que não — Camilla confirmou. — Não poderíamos. Katie já sabe?

— Não. Achei melhor não dizer nada, por enquanto. Mas não há tempo a perder. Precisamos afastar Nic de casa pelo menos por um dia e suponho que essa tarefa seja sua.

— Minha?! — Camilla espantou-se.

— Exatamente. Você vai dizer a Nic que deseja encontrar-se com ele para conversarem sobre a proposta. Terá de exigir que seja longe daqui.

— E o que vou alegar?

— Que não quer que sua irmã desconfie. Depois terá de segurá-lo por algum tempo.

Arianna parou de falar por um instante, sorrindo maliciosamente para Camilla.

— Ele é um homem atraente, não é? E acho que você também o atrai — comentou. — Vai ser fácil.

— De jeito nenhum — Camilla discordou, sentindo-se corar. — Sinto muito, mas é impossível. Além disso, deixei claro que não aceitaria negociar. Nic não vai morder a isca.

— Mudar de idéia não é um privilégio das mulheres? Acho que ele vai compreender.

— Suponho que tenha razão, mas não estou gostando nada disso.

— Então, não resta mais nada a fazer. Spiro irá para os Estados Unidos e vocês voltarão para a Inglaterra. Bronzeadas e com algum dinheiro.

— Eu não consigo ser convincente, quando minto! — Camilla argumentou desesperada. — Seu irmão vai perceber que é uma armadilha.

— Como pode saber; se não tentar? Nic vive dizendo que as coisas fáceis não têm valor. Além disso, talvez ele esteja esperando uma boa guerra. Escolha você o campo de luta e as armas.

Fez-se um pesado silêncio, até que Camilla, depois de muito pensar, tomou uma decisão.

— Está bem, vou tentar. Mas não prometo nada.

— Ótimo. Vai ter sua primeira chance agora mesmo — Arianna declarou, apontando na direção do outro lado da baía.

— Meu irmão está vindo para cá.

Camilla viu um pequeno ponto perdido nas ondas.

— Oh! Você sabia que ele viria, não é? Me fez cair na esparrela.

— Juro que não. Mas confesso que contei com a possibilidade de ele vir. Diga-lhe que quer conversar longe daqui. Peça para dar uma volta de barco e depois o segure até o pôr-do-sol, pelo menos. Dê-nos o maior tempo que puder.

Arianna levantou-se com elegância.

— Assim que saírem, eu irei com Katie até á clinica, onde pegaremos Petros. Ele vai supervisionar o encontro. Boa sorte para nós todos! — desejou e saiu, deixando para trás um rastro delicioso de perfume.

Camilla olhou para o barco, já mais próximo. Seria um tempo muito longo, até o pôr-do-sol.

Precisaria mais do que de simples sorte para escapar ilesa.

CAPÍTULO IX

Camilla foi esperar por Nic no pequeno ancoradouro de madeira, que saía da praia e projetava-se alguns metros para dentro do mar. Usava uma canga verde-jade, cruzada na frente e amarrada na nuca, sobre o biquíni da mesma cor. Com esforço redobrado, procurou manter os nervos sob controle, enquanto observava o Calíope ser manobrado com grande perícia e atracar no ancoradouro.

— Kalimera — Nic saudou, desembarcando com agilidade. — Espero não tê-la feito esperar muito.

— Não me lembro de tê-lo chamado — ela replicou em tom mordaz.

Ele deu de ombros.

— Sempre soube que seria apenas uma questão de tempo.

— Como?

— Embora defenda os direitos de sua irmã, você tem sua vida, seu trabalho — ele explicou. — Mais cedo ou mais tarde terá que retornar para casa.

Com o olhar, percorreu deliberadamente todo o corpo de Camilla.

— Talvez haja um homem a sua espera — complementou.

— Isso não é da sua conta, Nic Xandreou.

— Então vamos falar do que é da minha conta. Está pronta para entrar num acordo?

— Eu... Parece que não tenho escolha.

— Finalmente, está usando a razão. Esta noite, depois do jantar, conversaremos sobre os

detalhes.

— Prefiro conversar em particular, antes de dar a notícia a minha irmã.

— Muito bem. Quando?

Camilla suspirou.

— Pode ser agora mesmo.

— Impossível — Nic objetou. — Tenho que ir a Marynthos, um vilarejo no outro lado da ilha.

— Posso ir junto? Agora que mudei de idéia, gostaria de resolver esse assunto o mais rápido possível. E seria ótimo conhecer um pouco mais da sua ilha. Se não se incomodar de me levar, é claro.

— Não, não me incomodo. Está preparada para enfrentar os perigos?

Camilla olhou para o mar e depois para o céu.

— Perigos? O tempo me parece muito bom e, para seu governo, me considero boa marinheira.

— Não foi a esse tipo de perigo que quis me referir.

Seus olhares se encontraram e Camilla sentiu um leve tremor, provocado um pouco por receio, mas também por excitação. Ele apenas riu e estendeu a mão para ajudá-la a entrar no barco.

— Então vamos, kyria.

Quanto mais longe melhor, Camilla pensou, entrando no veleiro. Observou-o fazer a manobra para desatracar e virar a proa do barco para o mar aberto. Depois, arriscou uma rápida olhada para a casa, o que ele, evidentemente, percebeu.

— Deixou algum aviso para sua irmã?

— Katie está repousando. Disse a ela que iria dar uma volta para conhecer a ilha.

— Então terei de fazer com que não fique desapontada.

Havia um tom vitorioso na voz profunda, Camilla notou.

Talvez ele pensasse que ela era volúvel e decidira sair para uma aventura passageira. Era bom que pensasse assim. Mas, no fim, ficaria decepcionado pois descobriria que nem todas as mulheres sucumbiam ao seu carisma.

— Quer pilotar? — ele perguntou, quebrando o silêncio que se fizera.

— Acha que devo? É seguro?

— Claro matia mou, eu não deixaria que você nos levasse a pique.

— Por que me chama assim? O que significa matia mou!

— Significa "meus olhos". Quando uma mulher permite que um homem olhe dentro de seus olhos, está lhe oferecendo a chave dos segredos do seu coração.

— Não é de admirar que aqui a maioria das pessoas use óculos escuros — ela comentou com irreverência.

— Você não usa.

— Bem, talvez seja porque não tenho segredos a esconder.

Segurando-a gentilmente pelo queixo, ele obrigou-a a fitá-lo.

— Estou vendo ódio, desconfiança e, bem lá no fundo, um mistério insondável. O que realmente nunca vi em seus olhos, Camilla, foi um sorriso.

Ela se libertou com um movimento de cabeça.

— Não é de surpreender. Desde que cheguei aqui ainda não encontrei um bom motivo para sorrir.

— Nem antes de chegar, eu acho. Há quanto tempo é responsável por sua irmã?

— Quase quatro anos, mas não pense que é uma tarefa desagradável. Katie sempre foi maravilhosa, nunca me deu motivos para aborrecimentos.

— Até agora — ele comentou, secamente.

Camilla deu de ombros.

— Eu não podia imaginar que ela fosse se apaixonar durante uma curta viagem.

— Não? — Ele riu cinicamente. — Por acaso esqueceu o poder que tem uma noite de luar?

— Julguei que Katie fosse mais controlada. O que vai fazer em Marynthos? — Camilla desviou o assunto. — Algo especial?

— Muito especial. Vou ver um bebê, filho do meu amigo Dimitris Ioannides. Convidou-me

para ser o padrinho.

— E você aceitou?

— Naturalmente. Nós, os gregos; levamos muito a sério essa responsabilidade.

— Desculpe por eu ter querido vir, então. Não sabia que estava me intrometendo em...

— Se eu não quisesse que se "intrometesse", não a teria trazido.

— Obrigada.

— Cuidado — ele avisou, colocando a mão sobre a dela, no leme. — Acho que se desviou um pouco do curso.

— É melhor você assumir agora — ela sugeriu, retirando a mão. — Não quero bater contra as rochas.

— Tudo bem. Relaxe e aproveite o passeio. Sinta o sol no rosto e deixe o vento despenteá-la — ele sugeriu, tirando a presilha com a qual ela prendera o cabelo e jogando-a no mar.

— Por que diabo fez isso? — Camilla ralhou, tentando segurar o cabelo esvoaçante.

— Porque hoje, minha querida, você vai esquecer que é a irmãzinha responsável. Vai tomar vinho comigo e provar a vida. E seus olhos vão sorrir para mim; combinado?

Com um leve estremecimento, Camilla ficou observando a água bater no costado do barco.

"Só hoje", pensou. "Que mal pode fazer um dia de irresponsabilidade diante da eternidade?"

— Combinado — respondeu, levantando a cabeça, decidida.

Uma hora depois, chegaram a Marynthos. Era uma pequena vila formada por casas brancas, de telhados pintados.

— Vou ficar esperando no Calíope — Camilla avisou.

— Nada disso — discordou Nic. — Dimitris ficaria ofendido se você não fosse conhecer o filho dele.

Segurando-a pelo braço, ajudou-a a descer do veleiro. Uma verdadeira multidão de crianças correu ao encontro deles. Meninos e meninas, rindo e falando muito, acompanharam os dois até uma ruazinha de terra.

Pararam na porta de uma casa onde algumas mulheres os aguardavam em atitude respeitosa, com as crianças menores brincando aos seus pés. Duas senhoras de mais idade, que deviam ser as avós do recém nascido, usando os inevitáveis vestidos pretos e lenços na cabeça, receberam Nic e Camilla com formalidade.

Em seguida, Dimitris Ioannides apareceu, mostrando os dentes muito brancos num amplo sorriso que se abria por trás do espesso bigode.

Os dois amigos abraçaram-se, dando-se vigorosos tapas nas costas, e Nic apresentou Camilla.

— Seja bem-vinda, thespinis — o dono da casa murmurou cortesmente, apertando a mão dela.

Assim que entraram, uma das senhoras entregou a Camilla um copo de vinho tinto. A bebida era suave e bastante doce. Nic informou que o vinho fora feito com as uvas plantadas pelo próprio Dimitris.

No quarto, Hara Ioannides, a jovem mãe, estava sentada na cama, com o bebê no colo. Era uma mulher bonita e não escondia a ternura que sentia pela criança. Com timidez, cumprimentou Nic, colocando-lhe o bebê nos braços. Os familiares, amontoados na porta, aplaudiram, rindo e batendo palmas. Um clima de festa, Camilla refletiu.

Era óbvio que a visita de Nic Xandreou representava um importante acontecimento na vida daquela gente. O fato de ele aceitar ser o padrinho do bebê devia ser uma grande honra.

Ele parecia à vontade com o bebê no colo, segurando-o com total confiança, ajeitando-o numa posição confortável.

Após um momento, olhou para Camilla com um sorriso.

— Hara gostaria que você o segurasse um pouco.

— Oh, não! — Camilla exclamou, recuando. — Tenho medo de deixá-lo cair. Não estou acostumada com bebês.

— Então, está na hora de começar a se acostumar — ele decretou. — Se achar melhor, sente-se.

Induzindo-a á sentar-se na borda da cama, colocou o bebê em seu colo, sob um coro de exclamações que evidenciavam a aprovação da família.

Dentro da manta que o envolvia delicadamente como um casulo, o bebê mexeu as mãozinhas.

Uma pequena bolha de saliva surgiu entre os lábios minúsculos, quando a criança virou-se, procurando o seio de Camilla.

Dominada por estranhos sentimentos, ela imaginou, pela primeira vez na vida, como seria ter um filho do homem amado. Olhou para Nic, que a observava, apertando os maxilares como se controlasse uma emoção indesejável.

— Você precisa dizer alguma coisa — ele comentou baixinho, depois de alguns instantes.

Ela mordeu lábio, indecisa, e olhou para a mãe da criança.

— É um lindo bebê — elogiou. — Parece com o pai.

Nic traduziu e, a julgar pelo amistoso sorriso de Hara e pela onda de risos dos outros, Camilla deduziu que fizera o comentário certo.

Hara falou rapidamente em grego e Camilla meneou a cabeça, totalmente perdida.

— Minha esposa está dizendo que deseja que a mulher de Xandreou também tenha filhos lindos e saudáveis — o dono da casa traduziu.

Camilla sentiu as faces em chamas e não ousou olhar para Nic, quando ele pegou o bebê e entregou-o à mãe. Para seu alívio, todos saíram do quarto e foram para um pátio externo. Ela viu mesas arrumadas, onde haviam posto pão fatiado, saladas, frutas e jarras de vinho tinto.

Nic foi escoltado cerimoniosamente até o lugar de honra e Camilla, rodeada pelas mulheres, foi conduzida para outra mesa. Submeteram-na a um exame completo, numa atmosfera amigável.

As mulheres a observaram detidamente, fazendo comentários que ela não entendia, e pareciam admiradas com a cor de seu cabelo e o tecido da canga.

Embaraçada, ela procurou responder às perguntas que uma jovem lhe fez em inglês precário.

Comeu algumas uvas e bebeu vinho, consciente de que Nic se divertia, olhando-a á distância.

"Estou me sentindo um animal raro, mas posso aguentar", pensou em dado momento. "Só espero que na Vila Apolo as coisas estejam dando certo." Se Katie conseguisse falar com Spiro, teria valido a pena passar por aquele desconforto.

A refeição ameaçava arrastar-se por muito tempo. Mas isso era bom para os planos dos "conspiradores", pensou Camilla, achando que estava sendo ingrata, reclamando da alegre comemoração.

Além disso, o que poderia haver de mais delicioso do que notar que Nic a observava, não perdendo um de seus movimentos? Sempre que olhava para ele, já um pouco zozza por causa do vinho, sentia que um laço invisível os unia. Isso lhe dava vontade de dizer frases de amor, de confessar que ficaria prisioneira na casa da praia pelo resto da vida, se ele quisesse.

Por fim, Nic levantou-se e foi até onde ela estava; pousando as mãos em seus ombros. Tocada por uma centelha de esperança, Camilla ergueu a cabeça para fitá-lo.

Ele, porém, olhou-a sem nenhuma ternura, parecendo distraído e frio.

— Está na hora de voltarmos — avisou em tom formal. — Por favor, despeça-se de todos.

Mecanicamente, Camilla balbuciou em grego as poucas palavras de agradecimento e despedida que sabia.

No retorno para o Calíope, foram acompanhados pela família inteira. Quando o veleiro afastou-se do ancoradouro, Camilla ficou olhando para a praia até os vultos tomarem-se minúsculos pontinhos.

— Gostou? — Nic perguntou.

— Claro. E me senti privilegiada, cercada de atenções.

— São boas pessoas. Espero que não tenha se perturbado com tanta simplicidade e desinibição.

— De maneira alguma — ela assegurou, ruborizando-se.

— Mas acho que tiraram conclusões erradas a nosso respeito.

— Também acho — ele replicou laconicamente.

Camilla não se atreveu a continuar o assunto.

A brisa parara de soprar. Na calmaria, a linha do horizonte parecia bruxulear sob o sol quente. Uma gota de suor escorreu por entre os seios de Camilla. Ela juntou o cabelo na nuca e ergueu-o numa tentativa de refrescar-se.

Foi nesse momento que percebeu que Nic mudava o rumo do barco, virando-o na direção contrária a que teriam de seguir para voltar para casa.

— Para onde estamos indo?

— Conheço uma pequena baía no outro lado da ilha, excelente para dar um mergulho. Acho que é o lugar ideal para conversarmos.

— Sobre o quê? — ela quis saber, sentindo que a pulsação se alterava.

— Temos negócios a tratar, esqueceu?

— Não esqueci, mas pensei que a esta hora do dia os gregos interrompessem os assuntos de negócios.

Ele exibiu um sorriso amplo.

— Isso, minha querida, depende do tipo de negócio e de sua urgência.

Depois de algum tempo, o barco começou a aproximar-se de uma praia de areia clara e em forma de ferradura. Um lugar solitário e bastante tranqüilo, Camilla notou, ligeiramente apreensiva.

Ali, teria de entreter Nic Xandreou, impedindo-o de voltar para casa antes do pôr-do-sol.

Falaria de quê? Não tinha a mínima intenção de negociar o caso de Katie e Spiro.

Nisso, porém, seria capaz de dar um jeito. O mais difícil seria evitar que Nic visse em seus olhos que, contra toda a lógica, ela estava apaixonada por ele.

CAPÍTULO X

Nic ancorou o Calíope a cerca de cento e cinquenta metros da praia. Desligou o motor e tudo ficaria em completo silêncio, se não fossem os estalos da madeira do barco e o suave marulhar das ondas.

Camilla protegeu os olhos com a mão em concha e examinou a praia, que brilhava ao sol forte da tarde.

— Conseguirá nadar até lá? — perguntou Nic, parado atrás dela.

— Naturalmente — ela afirmou.

— De qualquer modo, acho melhor irmos de bote.

Camilla observou-o colocar algumas toalhas, esteiras de palha e uma cesta de piquenique na pequena embarcação, presa num suporte. Depois, ele foi buscar um guarda-sol na cabine e estavam prontos para ir a terra.

Ela ajudou-o a descer o bote para a água e logo em seguida navegavam mansamente rumo à faixa de areia. Cardumes de peixes coloridos, perfeitamente visíveis na água cristalina, passavam por baixo do barquinho. O sol punha um brilho de purpurina na crista das ondas, que corriam para a praia e quebravam-se em rendas de espuma.

Camilla achou que dificilmente veria algo mais belo e quase lamentou, quando chegaram e tiveram de desembarcar. Ela e Nic puxaram o bote para a areia quente e tiraram as coisas de dentro, levando-as para perto de um grupo de rochas. Armaram o guarda-sol e estenderam as esteiras. O calor era tão forte que as roupas colavam no corpo.

— O que acha de nos refrescarmos, antes de abrimos as discussões? — sugeriu Nic.

Camilla fitou-o, indecisa. E se ele decidisse nadar nu, como naquele dia, na Vila Apolo?

— Eu...

— As esfoladuras ainda ardem, com certeza — ele comentou, tirando a camisa. — Mas a água do mar tem propriedades curativas.



Camilla não respondeu, acompanhando todos os gestos dele com o olhar. Observou-o tirar o short e, com grande alívio, viu que havia uma sunga preta por baixo.

— Não vai tirar a canga? — ele pressionou.

Sentindo-se uma idiota por estar tão embaraçada, ela desatou a canga e tirou-a, jogando-a numa esteira. Em seguida, passou correndo por Nic e entrou na água, que parecia gelada em sua pele superaquecida.

Ele alcançou-a sem dificuldade.

— Tome cuidado — recomendou. — Esta praia apresenta degraus inesperados. Você pensa que ainda está no raso e de repente perde o pé.

"Já perdi, quando conheci você", refletiu Camilla. "Não só o pé, como a cabeça também."

Viu-o mergulhar e imitou-o, voltando à tona pouco depois. Começou a boiar de olhos fechados, pensando em como fora inevitável apaixonar-se por Nic.

Seria maravilhoso se pudesse abandonar-se àquele amor e doar-se de corpo e alma, tomando-se "mulher de Xandreou". No entanto, não podia, porque Nic não sentia nada por ela, além de atração física. Depois que conseguisse o que queria, ele simplesmente a consideraria mais uma conquista descartável, que jogaria fora tão logo se fartasse.

Com um suspiro, abriu os olhos e virou-se para começar a nadar. Só então notou como se distanciara da praia, sem perceber. Era boa nadadora, mas não conhecia aquelas águas, que poderiam ser menos serenas do que aparentavam. E Nic a alertara sobre os "degraus".

Começou a dar braçadas lentas, quando sentiu a força de uma corrente cuja existência não percebera. Não ia entrar em pânico. Olhou em volta, esperando ver Nic, mas a única coisa que viu foi à ondulação do mar, que já não parecia tão belo.

Percebeu que a corrente, muito mais forte do que suas braçadas, á puxava para longe.

Contudo, ainda hesitava em pedir socorro, pois Nic a acusaria de não ter sido bastante cuidadosa.

O veleiro parecia mais próximo do que á praia e, ela decidiu ir para lá. Como desculpa, diria que preferia tomar banho de sol num convés de barco do que na areia.

Vencera metade da distância, quando descobriu que estava em dificuldades. A corrente, cada vez mais forte, anulava seus esforços para ir em frente. Os braços e as pernas começavam a ficar pesados.

Uma onda quebrou-se em seu rosto e ela engoliu água. Tossiu, engasgada, pensando em tornar a virar-se de costas para boiar. Isso, porém, á deixaria à mercê da corrente. O melhor a fazer era continuar a dar braçadas, no ritmo que pudesse, lutando contra o pânico e fadiga.

Sempre achara que nadava bem, mas começava a acreditar que superestimara sua capacidade.

Abriu a boca para gritar, pedindo ajuda, engoliu mais água e quase afundou, meio sufocada.

Olhou na direção do Calíope e viu, à beira do desespero, que o veleiro estava mais distante que nunca.

De súbito, notou uma forma escura sob a superfície, a água agitou-se e Nic emergiu. Ele passou as mãos nos olhos e fitou-a com uma expressão inconfundível: estava furioso. Gritou algumas palavras em grego, sem dúvida sonoros impropérios, antes de passar os braços ao redor dela, segurando-a de encontro ao peito.

— Relaxe! — ordenou. — Eu a peguei. Está salva.

Nadando apenas com um braço, levou-a na direção da praia, como se ela fosse um reboque inútil.

Completamente tonta, de susto e exaustão, Camilla manteve os olhos fechados até sentir, com indescritível alívio, areia firme sob os pés. Abriu-os quando Nic a levantou nos braços e começou a andar para o guarda-sol. O rosto moreno continuava fechado numa carranca.

— Desculpe — ela murmurou, sentindo dor no peito e percebendo que a respiração ainda não se normalizara.

— Eu avisei — ele observou, sentando-a numa esteira à sombra do guarda-sol. — Fique quieta por alguns instantes.

Abaixou-se para procurar alguma coisa na cesta de piquenique e retirou uma garrafa de vinho. Pouco depois, oferecia um copo a Camilla.

— Beba. Vai se sentir melhor.

Ela tomou um gole do vinho, tremendo tanto que os dentes castanholavam de encontro ao vidro. Nic segurou-lhe a mão para firmá-la e seu toque teve o mesmo efeito perturbador de sempre.

O vinho era forte e seco. Não demorou muito para que ela parasse de tremer e o sangue voltasse a circular com rapidez.

— Beba tudo — ordenou Nic.

Esperou até ela esvaziar o copo e pousá-lo na esteira. Então, serviu-lhe um sanduíche de carne fria.

— Eu não...

— Coma! — Nic interrompeu-a. — Sabe por que se cansou tão depressa, não é? Não comeu quase nada na casa de Dimitris.

— Eu não estava com fome — ela respondeu baixinho. — E agora também não estou.

Nic sentou-se perto dela com seu próprio sanduíche e um copo de vinho. Seria impossível ignorar sua proximidade, não ver o cabelo molhado, não sentir o cheiro másculo de seu corpo misturado ao odor de sal.

— Escapou de morrer afogada — ele observou. — Não vai querer morrer de fome, agora.

Ela deu uma risadinha e mordeu o sanduíche. As fatias de carne de cordeiro estavam tenras e suculentas e as rodela de tomates e azeitonas pretas davam um sabor todo especial ao pão de centeio.

Nic serviu mais vinho. Camilla refletiu que aquela talvez fosse à refeição mais simples que já fizera na vida. No entanto, jamais seria esquecida. Acabou de comer em silêncio e limpou a boca e as mãos no guardanapo de papel.

— Obrigada — murmurou.

— Devemos agradecer a mãe de Hara. Foi ela quem pôs a cesta no barco — explicou Nic, sorrindo. — Achou-a muito magra e recomendou que eu cuidasse melhor de você.

— Magra? Não sou...

— Claro que não. Mas pelos padrões dessa gente simples você deveria ser bem mais gordinha.

— Deus me livre! Não disse a ela que não há nada entre nós, de modo que você não pode "cuidar" de mim?

— Não. Ela não compreenderia. Em seu mundo, uma mulher é sempre propriedade de um homem: primeiro do pai, depois do marido e, se ficar solteira, dos irmãos.

— Que beleza! — ironizou Camilla. — Ainda não sabem que estamos no século vinte? E já no fim, ainda por cima!

Deitou-se na esteira e fechou os olhos.

— Não saia de baixo do guarda-sol — Nic recomendou, ignorando o comentário. — Sua pele é muito clara e poderia ficar seriamente queimada.

— Já lhe dei muito trabalho, hoje — ela respondeu. — Não vou aborrecê-lo mais.

— Isso não foi nada, perto do aborrecimento que tem me causado desde o dia em que chegou — ele censurou.

Camilla abriu os olhos e encarou-o.

— Se não fosse teimoso do jeito que é; não se aborreceria tanto.

— Podemos começar as negociações, agora?

— Acho que sim.

— Muito bem — ele concordou, pegando um frasco de loção com filtro solar do meio das toalhas. — Mas, primeiro, passe isso no corpo.

Ela se sentou, pegou o produto e passou-o nas pernas, nos braços, na barriga e no que aparecia dos seios acima das taças pequenas do sutiã do biquíni.

Quando acabou, fechou o frasco e colocou-o na esteira.

— Vai proteger só à frente? — perguntou Nic. — Deite-se de bruços, matia mou, e passarei a loção em suas costas.

— Não, muito obrigada. Não vim aqui para tomar banho de sol.
— Pode unir o útil ao agradável, isto é tomar sol e falar de negócios ao mesmo tempo,
— Negócios... — ela murmurou com desgosto. — Preferia que visse o caso de Katie e Spiro de outra forma. Você deve ser bondoso, porque as pessoas o estimam. Ficou evidente, na casa de Dimitris.

— O que tem isso a ver com Spiro e sua irmã?

— Por que não os trata com bondade?

Ele deu de ombros.

— Já deve ter ouvido que às vezes a verdadeira bondade reside na capacidade de ser duro.

— Já, mas não acredito muito nisso.

— Pois devia acreditar. E também devia aprender a não deixar que o coração dirija a cabeça. É desastre na certa.

Camilla abraçou os joelhos e olhou para o céu azul. Suspirou, refletindo que Nic parecia falar de alguma experiência desastrosa de sua própria vida. Rachelle?

— Conheceu sua esposa aqui na ilha? — ousou perguntar, preparando-se para uma resposta fria ou até mesmo uma explosão.

— Conheci. Vieram rodar algumas cenas de um filme de suspense, que nunca foi lançado. Não prestou; pelo que disseram.

— Isso foi depois do filme que valeu a Rachelle uma indicação para o Oscar?

— Foi. Ela já percebera que começara a cair com a mesma rapidez com que subira. Queria uma vida diferente, que eu podia dar.

— Mas com certeza não foi só por isso que vocês se casaram.

— Não. No começo existia paixão. Rachelle era linda, alegre, exuberante.

Camilla observou-o servir-se de mais um pouco de vinho. "Rachelle era linda, alegre, exuberante", repetiu mentalmente. "Mesmo que eu quisesse, como poderia competir com uma mulher tão fascinante?"

— Ela dizia que gostava daqui — continuou Nic. — Parecia aceitar bem o fato de eu querer morar na ilha e formar uma família, ter filhos...

Fez uma pausa para tomar um gole da bebida, olhando para o mar com expressão melancólica.

— Mas eu tinha esquecido que Rachelle era atriz. Por algum tempo, ela representou à perfeição o papel de esposa dócil e devotada. Depois, começou a fazer exigências.

— De que tipo? — perguntou Camilla, incapaz de reprimir a curiosidade.

— Queria viajar comigo para todos os lugares e nem sempre era possível. Se tivesse o comportamento de uma mulher normal, não haveria problema, mas do jeito que ela era... — Nic parou de falar outra vez e suspirou, pousando o copo na esteira. — Tinha mania de estrela — prosseguiu. — Queria levar a criada de quarto, que a ajudava a tomar banho e trocar de roupa. Insistia em que precisava também de outra pessoa, que saísse para comprar o que lhe desse na cabeça, a qualquer hora do dia ou da noite.

— Por favor — murmurou Camilla. — Não precisa me contar tudo isso.

— Talvez me faça bem — comentou-o. — Rachelle era uma criança mimada. Quando eu não podia acompanhá-la às constantes festas, ela ia sozinha. Precisava divertir-se e isso eu até entendia. Foi numa dessas ocasiões que ela começou a usar as drogas que depois a mataram.

— Você demorou a perceber? — perguntou Camilla, compadecida.

— Na época, eu estava muito ocupado, tratando de um negócio importante. Quando descobri, quis submetê-la a tratamento. Rachelle se recusou e disse que ia voltar para o cinema. Seu agente entrara em contato, avisando ter encontrado um papel excelente para ela.

— Ela não tinha abandonado a carreira?

— Tinha, mas quis voltar. A briga que estourou entre nós foi horrível. Ela saiu de casa e partiu para Hollywood. Mas tornara-se tão dependente de drogas que o estúdio não agüentou e demitiu-a. — Nic parou de falar e pigarreou, limpando a garganta. — Um dia ela me telefonou, dizendo que ia alugar uma cabana nas montanhas e retirar-se lá por uns tempos, sozinha, para pôr os pensamentos

em ordem — contou, fazendo nova pausa.

Camilla não disse nada, captando o tormento que aquelas recordações traziam de volta.

— Uma semana mais tarde, foi encontrada morta num quarto de motel. Não ficara sozinha um dia sequer, mas nenhum de seus... Companheiros; apresentou-se para prestar qualquer declaração.

— Oh, meu Deus... — murmurou Camilla, impressionada.

Nic encarou-a.

— Deve estar imaginando por que contei tudo isso, lembrando coisas que pensei estarem enterradas para sempre. Quero que compreenda por que protejo minha família tão ferozmente. Meus irmãos não cometerão o mesmo erro que cometi.

— Mas Katie não é igual à Rachelle! — protestou Camilla.

Ele sorriu com cinismo.

— Espero que não. Mas o fato é que quando somos jovens acreditamos que o amor pode vencer todas as barreiras erguidas por culturas diferentes e outros fatores.

— E não pode?

— Não. Nem o amor pode superar certas dificuldades e incompreensões. Por exemplo, nem com todo o meu dinheiro pude dar a Rachelle o que ela queria, nem salvá-la de si mesma.

— Sua esposa era uma estrela de cinema, Nic, uma pessoa diferente das outras — ponderou Camilla.

— Não posso permitir que Spiro seja ferido como eu fui. Que fique tentando alcançar a mulher amada no outro lado de um abismo que se alarga cada vez mais — ele murmurou, ignorando-a.

Havia tanta amargura em sua voz que Camilla não teve coragem de replicar. Ao contrário, experimentou o impulso irresistível de confortá-lo.

Ajoelhou-se ao seu lado e pousou a mão no ombro largo.

— Nic... — chamou com suavidade.

Ele se virou num movimento impetuoso e tomou-a nos braços, esmagando-lhe a boca num beijo possessivo. Ela não tentou escapar. Retribuiu o beijo com paixão, acariciando as costas musculosas, deixando que Nic percorresse seu corpo com mãos ávidas.

Ele empurrou-a para baixo, deitando-a na esteira, e puxou para baixo o sutiã do biquíni, expondo os seios que se empinaram, excitados.

— Matia mou... — murmurou com voz rouca, antes de inclinar-se para tomar um mamilo rijo entre os lábios.

Sugou-o lentamente, até que Camilla arqueou-se para trás com um gemido de prazer.

Ele riu baixinho, roçando a face na pele macia.

— É gostoso, não é pedhi mou!

— O que é pedhi mou? — ela perguntou tolamente.

— "Minha pequena". É bom, não é?

— Você sabe...

— Sei — ele confirmou, tornando a beijá-la na boca com verdadeira fúria. — Toque-me, agape mou. Quero sentir suas mãos em meu corpo.

Ela acariciou-lhe o rosto, o pescoço e os ombros, enquanto ele afundava o rosto entre seus seios, iniciando uma trilha enlouquecedora de beijos. Os lábios quentes desceram, tocando o ventre liso, os quadris, o lugar onde a calcinha do biquíni começava, barrando-lhe a busca frenética.

Camilla, totalmente entregue à paixão, ofegava, de olhos fechados, cravando os dedos nos músculos duros do corpo másculo. Pela primeira vez na vida, via-se à mercê de um desejo que não poderia conter, mesmo que quisesse. Toda a hesitação desaparecera sob a onda avassaladora de sensações provocadas pela boca e pelas mãos de Nic.

Não protestou, quando ele tirou-lhe o sutiã do biquíni e depois a calcinha. Ofereceu-se ao calor do sol e do prazer. Através das pálpebras semicerradas, viu-o ficar de pé e tirar a sunga. Todo nu, era um deus de bronze erguido contra o azul do céu. Apolo...

Então, ele estendeu-se sobre ela e procurou-a com a força e dureza de sua virilidade. Por um instante, ela resistiu à penetração numa reação instintiva, mas logo se entregou com um soluço

involuntário.

Nic calou-a com um beijo e aprofundou-se em seu corpo. Parou por um instante e então começou os movimentos lentos e ritmados do ritual da paixão. Um ritual que ela não conhecia, mas ao qual se abandonou; levada pela ânsia de alcançar alívio para a deliciosa agonia que lhe dava vontade de gritar.

O prazer começou a subir numa espiral embriagadora. Com os braços ao redor do corpo musculoso, ela se movia no ritmo das investidas de Nic, sempre mais profundas e rápidas. O mundo perdeu-se numa bruma feita de gozo, os pensamentos turvaram-se, as sensações apossaram-se dela completamente, levando-a em direção a algo desconhecido, mas que devia ser maravilhoso.

Todas as suas fibras começaram a vibrar, de repente. Ansiando por mais prazer, ela começou a virar a cabeça de um lado para o outro, murmurando palavras desconexas que saíam como soluços.

— Vamos, minha querida — ele cochichou.

Ela começou a sentir um estremecimento nas profundezas do corpo, algo indescritível que se foi espalhando e ganhando força. Dominada pela espiral vertiginosa, girou e subiu até que tudo explodiu num momento de gozo que beirava a loucura.

Estremecendo, gritou, no mesmo instante em que o grito de Nic elevou-se no ar.

Ele desabou sobre ela, colando o corpo suado e trêmulo no seu. Depois de alguns instantes, rolou para o lado, levando-a em seu abraço.

CAPÍTULO XI

Camilla beijou o ombro de Nic, sufocando as palavras de amor que se atropelavam em sua mente. Ele nunca deveria ouvi-las. De repente, profunda tristeza tirou o brilho da euforia que a empolgara momentos antes.

Com um suspiro, livrou-se dos braços dele, dominada por emoções muito diferentes das que experimentara nos instantes de paixão insana.

Sentou-se e procurou as peças do biquíni, percebendo que as mãos tremiam.

— O que foi? — perguntou Nic, apoiando-se num cotovelo para olhá-la.

— Nada — ela respondeu com voz incerta. — Está ficando tarde, só isso.

— Diga a verdade, matia mou. Vejo arrependimento em seus olhos.

— Não se preocupe com isso — ela pediu em tom cortante. — Não devo ser a primeira que cai em seus braços e recupera o juízo quando já é tarde demais. Sua técnica é...

— Acha que premeditei tudo isso? — ele a interrompeu, obviamente agastado. — Esqueceu que quis vir comigo?

— Não, não esqueci. Mas os deuses enlouquecem aqueles a quem desejam destruir.

— Não foi loucura, Camilla, mas o destino.

— Não acredito em destino — ela replicou, dando uma risada que soou falsa até aos seus próprios ouvidos. — Um dia você disse que me possuiria quando quisesse. Deve ser maravilhoso ter tanto poder.

— Está falando como uma tola — ele repreendeu; brusco. — Precisa acreditar que não agi deliberadamente, Camilla.

— Pensando melhor, acho que não mesmo. Dois casos complicados de paternidade seria demais para sua família, não é? Os aspectos legais e financeiros de um único processo...

— É hora de pensar nisso? — ele tornou a interrompê-la.

— No que deveríamos pensar? Foi para discutir o caso de minha irmã que viemos aqui, não foi?

Nic pegou a sunga e vestiu-a, em silêncio.

— Vamos deixar que nossos advogados cuidem disso — decidiu por fim. — Desse modo não haverá perigo de envolvimento pessoal.

Camilla pensou no velho advogado que tão gentilmente cuidara do inventário, depois da morte dos pais dela, cobrando uma taxa irrisória. Jamais seria páreo para os "tubarões" que deviam trabalhar para os Xandreou.

No entanto, não era o momento de preocupar-se com isso. Ela ainda não sabia o que aconteceria nos próximos dias. Se Spiro recuperasse a memória, provavelmente ainda queria casar com Katie. A não ser que a influência de Nic sobre o irmão prevalecesse. Aí, então, seria à hora de tomar outras providências.

Com um suspiro, ela se levantou. Amarrou a canga ao redor do corpo, refletindo que fora a Karthos para ajudar a irmã. E que, entregando-se a Nic, tornara tudo pior, não apenas para Katie como para si mesma. E se ela também ficasse grávida? Não pensara em coisa alguma, desvairada de amor e paixão. Mas de nada adiantava chorar de arrependimento. Cometera um erro e teria de arcar com as consequências.

A viagem de volta foi feita em silêncio. Camilla sentara-se na proa do barco e ficara olhando para o mar, que se tornara mais escuro. No ar pesado pairava uma ameaça, como se uma tempestade fosse desabar. Ou seria apenas seu estado de tensão que a fazia imaginar perigos?

Ela se assustou quando percebeu que Nic não seguia para a casa da praia, mas ia para o outro lado da baía, para a Vila Apolo.

Ele dirigiu o barco para o ancoradouro logo abaixo da elevação onde se erguia a majestosa residência.

Apreensiva, Camilla viu uma pessoa de pé no píer, sacudindo os braços, aparentemente para chamar a atenção de Nic.

Devia ser Yannis, ela pensou; imaginado o motivo que o levava a ficar à espera no ancoradouro. Pelo jeito, Nic não demoraria a descobrir que fora enganado e ficaria uma fúria, sem dúvida nenhuma.

Abeiraram-se do ancoradouro e o homem, que de fato era Yannis, pegou a corda que Nic atirou-lhe, desatando numa enxurrada excitada de frases em grego. Nic ouviu-o, cerrando os lábios num trejeito de raiva. Então, virou-se para Camilla, cravando os olhos severos nos dela. Fitou-a daquela maneira desconfortável por alguns instantes e então desembarcou, seguindo o empregado pelo píer na direção da trilha íngreme que levava a casa.

Sem alternativa, ela saiu do veleiro e seguiu-os. Ao longe se ouviu o ribombar de um trovão, anunciando tempestade. Nervosa, notou que os dois homens tinham desaparecido e tentou andar mais depressa, tropeçando nos degraus de pedra e arranhando-se nos arbustos cheios de espinhos.

Por fim, chegou ao topo da trilha e prendeu a respiração ao ver a cena no terraço que se abria para a piscina, correndo ao longo do salão. Katie estava de pé, ao lado de Spiro, que se encontrava sentado numa poltrona com a perna quebrada apoiada numa banqueta. A felicidade que emanava deles era quase palpável. Não pareciam nada intimidados por Nic, que plantado diante deles, com as mãos na cintura, os olhava como um deus vingador.

Camilla parou, sentindo um aperto na garganta. Os dois jovens, tão belos e apaixonados, tinham sido feitos um para o outro. Era impossível que Nic não compreendesse isso, que não os perdoasse e aceitasse seu amor.

Mas seu rosto fechado numa carranca revelava apenas raiva contida. Camilla sentiu o impulso protetor de colocar-se entre ele e os dois jovens. Mas conteve-se, raciocinando a tempo que sua atitude apenas o deixaria mais furioso.

— Quer dizer que sua memória voltou irmãozinho — ele comentou por fim, em inglês. — Deus seja louvado por isso.

— Voltou — o irmão confirmou, no mesmo idioma e em tom perfeitamente calmo. — Agradeça a Deus, mas também a Katie, minha futura esposa. — Tomou a mão da namorada e pressionou-a contra o rosto, num gesto de ternura. — Esperamos que nosso casamento, receba sua bênção, Nic — prosseguiu. — Mas nós nos casaremos, mesmo sem ela.

— Recuperou a memória, mas não o juízo — replicou Nic em tom frio. — Que pena!

Nesse instante, Arianna saiu do salão e apareceu no terraço com Petros e Eleni, que parecia extremamente nervosa.

— Nic, meu irmão — chamou com brandura. — Katie nos devolveu Spiro. Foi um milagre, não acha? Você precisa aceitar o amor dos dois.

— Cale a boca, Arianna — ordenou Nic, sem ao menos olhar para ela. — E vá para o seu quarto. Depois falaremos de sua participação nisso tudo. E da sua também, Petros.

— Era algo que eu precisava fazer pelo bem de Spiro — explicou o médico tranqüilamente. — Deu certo, portanto valeu à pena. Agora, se nos dá licença, seu irmão precisa descansar.

Nic empertigou-se, obviamente tenso.

— É claro — concordou, antes de olhar para Katie. — Yannis a levará para a casa da praia, thespinis. A você e sua irmã.

Spiro meneou a cabeça numa negativa.

— Não. Katie vai ficar comigo. Já errei muito, quando a deixei ir embora, depois de descobrir que a amava.

— E eu errei quando o deixei longe da minha vigilância — retrucou Nic.

Então, para surpresa de Camilla, andou até Spiro e abraçou-o com força e inegável emoção.

Ela se aproximou, com lágrimas nos olhos, quando os dois irmãos finalmente separaram-se.

Petros ajudou o rapaz a levantar-se e apoiar-se nas muletas e todos, entraram; formando um cortejo silencioso, no instante em que um relâmpago cortou o céu, acompanhado pelo fragor de um trovão. Todos, menos Nic e Camilla.

— Que bela conspiração — ele comentou irônico.

— Eu... Eu não queria enganá-lo — ela murmurou hesitante. — Mas havia outro jeito de dar uma oportunidade a Katie e Spiro?

— Caí como um idiota na sua armadilha. No entanto, devo dar-lhe os parabéns. Você foi muito convincente e conseguiu me prender, oferecendo-se em sacrifício. Como devoção fraterna; nunca vi nada igual — ele declarou com ironia contundente.

Como se tivesse sido esbofeteada, Camilla recuou um passo, lutando contra as lágrimas.

— Não me entreguei a você para segurá-lo, Nic. Você sabe que não foi por isso.

— Não? Então, por que foi?

"Porque te amo!", ela respondeu mentalmente. "Porque queria salvá-lo da amargura que sentiu ao recordar Rachelle."

— Estou esperando — ele pressionou.

— Não foi premeditado! — ela exclamou desesperada.

— Mais uma atriz para minha coleção! Desempenhou tão bem seu papel que nem percebi que tudo não passava de encenação.

— Não... — Camilla começou a protestar, mas parou ao notar que Yannis aparecera, parando a certa distância.

O empregado certamente esperava que Nic o mandasse levá-la de volta para a casa da praia, para longe dele.

— Você é uma mentirosa, Camilla Dryden.

Ela ergueu a cabeça em desafio, reunindo o que lhe restava de forças.

— Pense o que quiser. E, por favor, não castigue Katie pelos erros que acha que cometi. Nunca se esqueça de que ela estendeu a mão para Spiro através do abismo e trouxe-o de volta.

Camilla dobrou um camisão branco e colocou-o na mala, em cima das outras roupas. Então, olhou em volta para ver se esquecera alguma coisa. Os armários estavam vazios, como se ela nunca houvesse ocupado aquele quarto.

O silêncio era profundo. Soula fora visitar uma irmã, numa vila das redondezas. Katie, que voltara para a casa da praia no dia seguinte ao do encontro com Spiro, saíra para jantar com ele numa taberna das montanhas. Yannis os levara, servindo como motorista; e naquele instante já deviam estar bem longe.

Camilla decidira não ficar na ilha até o dia do casamento, apesar das súplicas da irmã.

Explicara que não desejava abusar da paciência da patroa, porque não podia dar-se ao luxo de perder o emprego. Partiria pela manhã, na balsa das seis horas, a primeira a deixar a ilha.

Katie mostrara-se um tanto insegura, confessando que a perspectiva de conhecer o resto do clã dos Xandreou, em Corinto, á assustava. Os vários tios e tias tinham fama de exigentes e intrometidos. Camilla a tranqüilizara, dizendo que ela conquistaria a todos com seu jeitinho meigo.

Além disso, quem, naquela família de pessoas tão unidas, esqueceria o que ela fizera por Spiro?

Com um suspiro, Camilla fechou a mala. Não podia negar que gostaria de ver Nic mais uma vez, embora soubesse que era um sonho impossível. Ele partira para Atenas, de acordo com a informação de Arianna.

Mas era melhor assim. Seria muito doloroso olhar para ele, lembrando-se de que fora acusada de tê-lo manipulado, usando o próprio corpo. Teria de encontrar forças para voltar e assistir ao casamento de Katie e Spiro, mas no momento sentia-se incapaz de encontrar-se com Nic.

Aproximando-se da penteadeira, olhou-se no espelho, observando a palidez do rosto e as olheiras fundas. O retrato de uma mulher infeliz; pensou.

Assustou-se quando ouviu a porta principal bater e o ruído de uma pessoa correndo no piso de lajotas do corredor. Ia sair do quarto, quando Arianna entrou, sem fôlego e de olhos arregalados.

— Camilla, pelo amor de Deus, me ajude! Nic está furioso comigo! — gritou a jovem grega, desatando em lágrimas.

— Que loucura é essa, Arianna? — perguntou Camilla, olhando para a porta, apreensiva. — Nic não está em Atenas?

Arianna agarrou-se a ela.

— Voltou uma hora atrás e está muito estranho — explicou entre soluços. — Disse que eu devo ir com ele, Katie e Spiro a Corinto, quando eles forem encontrar-se com nossos tios.

— E daí? Qual é o problema? — perguntou Camilla, confusa.

— Ele disse que vou conhecer meu futuro marido. Respondi que preferia morrer a me casar com uma pessoa que nem conheço.

— Disse a ele que ama Petros?

— Não! As coisas ficariam ainda piores. Nic quer expulsar Petros do hospital e da ilha, como castigo por ter ajudado Spiro a encontrar-se com Katie.

— Não acredito que ele tenha coragem de fazer isso — declarou Camilla, guiando a outra moça para fora do quarto.

Levou-a para a cozinha, obrigou-a a sentar-se e deu-lhe uma xícara de café. Arianna pareceu acalmar-se e enxugou os olhos com a toalha de papel que ela lhe ofereceu.

— Nic sempre foi duro e, frio, mas agora está pior — comentou, fungando. — Parece atormentado pelo diabo. Você precisa me ajudar, Camilla!

— O que posso fazer Arianna? Nic jamais me ouviria.

— Não estou pedindo que fale com ele. Quero ir para a Inglaterra com você. Depois, Petros irá também e nos casaremos. Nunca mais quero ver meu irmão!

Camilla serviu-se de café e sentou-se diante dela.

— Acho que não está falando sério, Arianna. Não pode fugir de casa desse jeito. Além disso, vou partir amanhã bem cedo e...

— Eu sei — a grega interrompeu-a, batendo na bolsa que levava pendurada no ombro. — Trouxe meu passaporte e dinheiro. Não terei nenhum problema em ir com você.

— Pode existir um problema, sim.

— Qual?

— Talvez você não encontre passagem de avião para amanhã.

Arianna endireitou os ombros e olhou-a com teimosia.

— Sou da família Xandreou. Vão ter de arranjar lugar para mim, no seu avião.

— Nem que tenham de me deixar plantada no aeroporto, não é? — comentou Camilla com um sorriso irônico. — Estou começando a ficar cheia dessa mania de poder dos Xandreou.

Arianna suspirou.

— Desculpe. Falo de Nic, mas às vezes me comporto como ele.

— O que pretende fazer, quando chegar à Inglaterra? — perguntou Camilla.

— Posso ficar em sua casa, escondida. Nic irá a minha procura, naturalmente, mas você...

— Já pensou que ele vai ficar doente de preocupação e com mais raiva ainda?

— Que se dane.

— Não, Arianna. Você não pode fazer isso com seu irmão. Nic a ama, embora às vezes não pareça. Converse com ele, diga por que está se sentindo infeliz. Brigas e fugas não resolvem nada.

— Essa é uma forma de dizer que não quer me ajudar?

— Não é que eu não queira Arianna. Mas as coisas já estão ruins e ajudá-la a fugir só pioraria tudo. Volte para a Vila Apolo.

— Nunca! Aquele idiota do Nic vai me deixar trancada no quarto até o dia de partirmos para Corinto.

— Ele sabe que você veio aqui?

— Claro que não. Só descobrirá que não estou em casa, amanhã. Fugi pela janela, descendo por uma árvore.

Camilla abanou a cabeça, incrédula.

— Então volte para seu quarto, deite-se e durma. Amanhã, tanto ele como você estarão mais calmos e não farão bobagens.

Arianna deu um soco na mesa.

— Se não quer me ajudar, irei embora sozinha — declarou, levantando-se. — Sabe do que mais? Vá para o inferno!

— Vá você — retrucou Camilla, perdendo a paciência.

A grega girou nos calcanhares e correu para fora da cozinha.

Camilla foi atrás dela, alcançando-a na sala. Segurou-a pelo braço, forçando-a a parar.

— Aonde você vai?

— Para longe de Karthos, hoje mesmo. Meu querido irmão nunca me encontrará.

— Por favor, fale com Nic, antes de fazer qualquer coisa. Se não falar, eu conto a ele o que você está pretendendo.

Arianna livrou-se com um safanão e olhou-a com ar vitorioso.

— Não há telefone nesta casa e você está sem carro — observou. — Quando chegar à vila; estarei muito longe daqui.

Frustrada, Camilla viu-a sair e marchar para o carro. Sabia que ela poderia chegar ao porto a tempo de pegar a última balsa para Zakynthos. De lá, não seria tão difícil embarcar num vôo noturno para a Europa.

Arianna deu partida no veículo e foi embora em alta velocidade. Camilla ficou parada no terraço, imaginando o que poderia fazer para impedi-la de cometer aquele erro. De acordo com os códigos de honra dos gregos, ela envergonharia os Xandreou de modo imperdoável e seria afastada da família para sempre.

Olhando para o outro lado da baía, viu as luzes da Vila Apolo piscando acima da escuridão do mar. Pareciam muito próximas, mas ela sabia que a distância não era pequena. Contudo, se Nic e Spiro iam de uma casa à outra a nado, quando ainda eram crianças, ela também poderia ir.

Refletiu que já nadara muitas vezes na baía e nunca percebera nenhuma corrente perigosa que pudesse desviá-la do rumo. E naquela noite não havia vento, o que ajudaria bastante.

Decidida, voltou para o quarto e tirou da mala um maiô inteiriço azul-marinho. Vestiu-o e tomou a sair, dirigindo-se ao topo da escada que levava à praia.

CAPÍTULO XII

Camilla caminhou, cortando as ondas, até a água atingir-lhe a altura do peito. Então, começou a nadar, dando braçadas lentas e ritmadas.

Era uma experiência diferente, nadar à noite no mar escuro e misterioso. Em certo momento, algo escorregadio roçou numa de suas pernas e ela quase gritou de susto, mas lembrou-se dos cardumes de peixes que costumava ver durante o dia. Não parecia haver nenhum perigo naquelas águas.

Entretanto, o cansaço poderia vencê-la, se ela não se cuidasse. Para evitar isso, nadava até precisar de descanso e então boiava durante alguns minutos para sentir-se em forma outra vez.

Por fim, depois de um tempo que não saberia determinar, viu que as luzes da Vila Apolo estavam mais próximas. Encontrava-se na metade da distância entre as duas residências dos Xandreou. Não poderia voltar para a que deixara; se comesse a perder as forças, nem adiantaria tentar alcançar a outra.

Durante um rápido momento, sentiu a ameaça do pânico. Atingira um ponto onde nenhuma escolha seria possível. Estava nas mãos do destino. Fora loucura meter-se em tal aventura, refletiu, percebendo que se tornara difícil manter o ritmo das braçadas. Além disso, começava a sentir frio.

Para distrair-se e evitar o medo, que apenas a prejudicaria, pensou em tudo o que acontecera desde o dia em que chegara a Karthos. Fora um joguete do destino, do início até aquele momento.

Apaixonara-se por Nic. Ele a possuía e depois a repudiara, interpretando mal suas intenções.

Se morresse afogada, também seria obra do destino.

Resignada, não se preocupou mais com as pernas e os braços que pareciam querer desobedecer aos comandos do cérebro. Continuou nadando mais devagar, pensando que, se conseguisse chegar à Vila Apolo, abraçaria Nic mais uma vez, mesmo que ele a repelisse. Mais uma vez, antes de voltar à vida insípida que se fecharia sobre ela como as ondas implacáveis daquele mar.

Para não ver as luzes da casa, que pareciam aproximar-se com terrível lentidão, fechou os olhos e continuou nadando, ignorando a dor nos músculos e a opressão no peito.

Vários minutos tinham-se escoado, quando ela julgou ouvir vozes masculinas. Devia estar delirando de cansaço. Virou-se para boiar e soltou um grito ao sentir que batia em algo sólido.

Abriu os olhos, apavorada, mas nada conseguiu ver, ofuscada por uma luz forte virada para o seu rosto.

Gritou de medo e dor, quando alguém a agarrou pelos braços e ergueu-a da água. Instante depois se viu deitada no convés de um barco e Nic debruçado sobre ela.

— Em nome de Deus, o que está fazendo aqui? — ele perguntou em tom de voz angustiado. — Ficou louca?

Camilla tentou erguer a mão para acariciar-lhe o rosto, mas não conseguiu. Tornou a fechar os olhos, exausta.

— Arianna fugiu — murmurou. — Você precisa ir atrás dela.

Então, tudo desapareceu num turbilhão escuro.

Camilla debateu-se, lutando para não afundar na água pesada que lhe prendia os movimentos.

— Fique quietinha, pedhi mou — pediu uma voz vinda de muito longe. — Você está em segurança.

Ela obrigou-se a abrir os olhos e viu Nic, que a olhava com preocupação. Percebeu que se encontrava numa cama, enrolada em cobertores.

— Você precisa descansar e ficar aquecida — ele continuou. — Ordens de Petros.

— Petros? — ela perguntou com voz enrouquecida. — Ele está aqui?

— Lá embaixo, com Arianna. Ela foi procurá-lo, depois que saiu da casa da praia e ele a trouxe de volta.

— Graças a Deus — murmurou Camilla, sentindo que os olhos enchiam-se de lágrimas. — Não fique zangado com Arianna. Ela está muito triste.

— Verdade? Pois não parecia nada triste, momentos atrás, rindo e tomando champanhe para comemorar o noivado.

— Noivado? — Camilla repetiu confusa.

— Dela com Petros, naturalmente. Ou você acha que eu não tinha percebido o que estava acontecendo entre aqueles dois?

— Mas você disse a Arianna que tinha arranjado um casamento para ela...

Nic deu de ombros.

— Foi só um teste. Eu queria saber se ela amava Petros realmente, ou se estava empolgada pela excitação de um romance proibido.

— Você não tem nada contra Petros, então?

— Claro que não. Ele é bom demais; como pessoa e como amigo, para tomar-se vítima dos caprichos de uma garota mimada. Quando vi que Arianna estava disposta a renunciar à vida de luxo e conforto para ficar com ele, acreditei em sua sinceridade.

Nic fez uma pausa e ensaiou um sorriso.

— Mais uma vez, o amor derruba barreiras, Camilla. Você deve estar radiante com mais essa vitória a favor de seus argumentos.

— Estou contente em saber que acabou tudo bem, mesmo que a travessia da baía tenha sido em vão.

— Você é mesmo louca — ele ralhou com brandura. — Não pensou que poderia morrer?

Ela sorriu tremulamente.

— Pensei, mas já estava na metade do caminho.

— Fez isso só para me avisar de que Arianna ia fugir?

— Não havia outra maneira.

Nic meneou a cabeça, olhando-a com ar sério.

— Não foi isso o que eu perguntei Camilla.

Ela hesitou por um momento.

— Eu não queria que Arianna magoasse você, fugindo daquela maneira — respondeu por fim.

— E nem que magoasse a si própria.

— Aconselhou aquela cabeça-de-vento a falar comigo, não foi?

— Disse que você compreenderia, se ela declarasse que amava Petros e que não aceitaria um casamento arranjado.

— Teve mais confiança em mim do que minha própria irmã — ele comentou com uma ponta de tristeza. — Mas arriscou a vida apenas porque não queria que Arianna fizesse uma bobagem?

Camilla desviou o olhar, torcendo as mãos escondidas no casulo de cobertores.

— Não.

— Por que mais, então?

Ela suspirou.

— Não queria ir embora sem tentar desfazer os mal-entendidos entre nós.

Nic pegou-a pelo queixo e forçou-a a encará-lo.

— Me diga uma coisa, Camilla. Você foi comigo a Marynthos e depois àquela praia só para Katie poder encontrar-se com Spiro?

— Não — ela respondeu num murmúrio, sentindo que corava. — Eu queria ficar com você. Teve razão desde o começo, quando disse que me possuiria no momento em que quisesse? Mas eu me recusava a admitir. Ficava horrorizada com a idéia de ser mais uma "mulher de Xandreou".

— Você me lisonjeia — ele ironizou, soltando-a. — Vou marcar seu nome na minha lista e nos separaremos como amigos. É isso o que quer?

— Espero que sejamos amigos e que um dia, vendo a felicidade de Katie e Spiro, você reconheça que os fins justificaram os meios.

— Pensou que fiquei furioso porque fui enganado. Em parte foi isso mesmo, mas eu também estava apavorado com a idéia de perder Spiro, quando ele recuperasse a memória.

— Perder seu irmão? Como?

Nic sentou-se na borda da cama e ficou olhando para as mãos, parecendo envergonhado.

— Nós dois brigamos, antes de ele sofrer o acidente — revelou por fim. — Eu disse coisas

horríveis sobre Katie e nunca vi meu irmão tão magoado e furioso. — Fez uma pausa e suspirou. — Spiro gritou que se casaria com ela, quisesse eu, ou não — continuou. — E que se isso significasse uma ruptura entre nós ele nem se importaria.

— Nic, não recorde essas coisas que o fazem sofrer.

— Preciso pôr tudo para fora, Camilla. Já escondi meu remorso por tempo demais.

— Fale, então.

— Quando ele saiu com o carro, depois da briga, vi que não tinha condições de dirigir, mas não fiz nada para impedi-lo. Ele bateu contra uma árvore e o resto você já sabe.

— Spiro perdeu a memória e você ficou com medo que ele continuasse com raiva, quando se lembrasse de tudo — completou Camilla.

— Eu não suportaria. Arianna ficou cheia de amargura e revolta contra mim. Minha família estava se espatifando e isso doía muito, porque fui pai para os dois, além de irmão. Meu erro foi superprotegê-los.

— Também fiz isso com relação à Katie — confessou Camilla. — Fiquei danada da vida, quando ela me contou sobre Spiro, um completo desconhecido.

Nic esboçou um sorriso.

— Não confiamos em nossos irmãos — comentou. — Mas fui meio monstruoso. Achei que enquanto Spiro estivesse com amnésia, continuaria a ser meu. Que egoísta nojento!

— Às vezes, a gente erra por amar demais — ela filosofou. — Mas deu tudo certo e isso é o que importa.

— Deu tudo certo — ele ecoou. — Spiro e Katie são generosos e não guardaram rancor.

— Você também sabe ser generoso, Nic.

— Talvez, mas ainda preciso mudar em muitas coisas.

— Agora é minha vez de falar — ela declarou. — Naquele dia, quando saí com você de barco, era minha intenção segurá-lo para que Spiro e Katie pudessem se ver.

— Eu sei.

— Mas o resto não foi planejado, Nic — ela murmurou. — Juro.

— Acredito, agora, mas ainda tenho uma dúvida.

— Qual?

— Você se entregou a mim porque me desejava, ou porque ficou com pena?

— Não foi pena. Quis confortá-lo, é certo, mas o que mais queria era estar em seus braços.

Nic curvou-se e beijou-a nos lábios com imensa ternura.

— Sabe aonde eu ia, esta noite, quando tirei você do mar, agape mou?

— Não.

— Ia para a casa da praia, pedir para você não ir embora.

— Por que foi para Atenas, então? Pensei que quisesse livrar-se de mim.

— Queria — ele admitiu com um sorriso contrito. — Mas não consegui. Via você diante de mim dia e noite. Não pensava em mais nada, a não ser em Camilla Dryden.

— Nem Zoe ô fez pensar em outra coisa? — ela perguntou.

Nic suspirou, erguendo os olhos para o teto.

— Outra fofoca da minha adorada irmã, sem dúvida. Quanto a Zoe, levei-a para jantar uma única vez, durante toda a semana que passei em Atenas.

— Acabou então?

— Acabou. Não posso dizer qual de nós dois ficou mais surpreso, quando avisei que não nos tornaríamos a ver. Eu ainda não tinha me rendido ao fato de que amo você, a mulher que me entregou sua inocência.

— Oh, Nic... — murmurou Camilla, sentindo um nó na garganta.

— Voltei para Karthos assim que Spiro me ligou, dizendo que você ia embora — ele contou. — Precisava saber se você me amava; se poderia perdoar todos os meus insultos.

Ela sorriu para ele por entre as lágrimas que começavam a rolar, incontroláveis.

— Eu te amo, Nic. Por que acha que me arrisquei a atravessar a baía?

Ele deu uma risadinha jubilosa e tomou-a nos braços, apertando-a com fúria. Beijou-a no cabelo, na testa e nas faces, murmurando palavras de amor.

— Quando a vi com o bebê de Hara no colo, uma idéia inesperada cruzou minha mente. Imaginei-a segurando nosso filho e quase engasguei de tanta emoção.

— Talvez isso não demore a acontecer — ela observou.

— Você ficou...

— Ainda não sei! — ela exclamou, rindo. — De qualquer modo, acho melhor parar de querer atravessar a baía a nado.

— Nunca mais precisará fazer essa loucura, meu amor. Meu Deus, quando penso que você poderia ter morrido...

— O mar não é mais forte do que o destino, Nic. Nasci para ser mulher de Xandreou.

— Não, minha querida. Você nasceu para ser a esposa amada de Xandreou — ele corrigiu, cobrindo-lhe a boca com um beijo faminto.

Fim

SARA CRAVEN nasceu em South Devon e cresceu rodeada de livros, numa casa junto ao mar. Quando terminou o colegial, foi trabalhar no jornal local, como jornalista, cobrindo todos os tipos de acontecimentos, desde exposições de flores até assassinatos. Começou a escrever para a Mills & Boon em 1975. Além de escrever, gosta de ver filmes, ouvir música, cozinhar e de comer em bons restaurantes. Mora em Somerset com seu segundo marido, ex-jogador de rugby. Tem dois filhos e três enteados.